

REVISTA

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

— conexão — Literatura

Setembro / 2018

nº 39

www.revistaconexaoliteratura.com.br

**FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES**

Agatha Christie

A ESCRITORA MAIS BEM-SUCEDIDA DA HISTÓRIA



SUMÁRIO

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 04
Agatha Christie - A Rainha do Crime, por Eudes Cruz, pág. 05
Crônica: No meio da praça tinha um coreto, por Rafael Botter, pág. 15
Resenha da série "(Des)encanto", da Netflix, por Rafael Botter, pág. 18
Livraria Conexão Literatura (Sugestões de livros), págs. 22 e 23
Poemas de Idianara Lira Navarro, págs. 25 a 27
Poemas de Ajomar Santos: págs. 29 a 32
Entrevista com a autora C. C. Oak, pág. 34
Entrevista com o autor André Moreira, pág. 39
Entrevista com a autora Carmen Villas Bôas, pág. 42
Entrevista com a autora Manuela Marques Tchoe, pág. 46
Entrevista com o autor Rogério Lima Goulart, pág. 50
Entrevista com o autor Vinni Corrêa, pág. 54
Conto: "A Tempestade", por Idianara Lira Navarro, pág. 59
Conto: "Nevoeiro", por Míriam Santiago, pág. 62
Conto: "A Floresta das Almas Perdidas", por Roberto Schima, pág. 66
Saiba como participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 89

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com
Eudes Cruz -Coeditor desta edição - tomoliterario@gmail.com

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Rafael Botter - Colunista/Colaborador - (págs. 15 e 18)

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Capa: Eudes Cruz.

Patrocinam esta edição:
Míriam Santiago - Roberto Schima - Idianara Lira Navarro - Drago Editorial

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: pascale@cranik.com ou ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe



Esta edição de setembro é especial, pois pela primeira vez teremos um coeditor que ficou responsável pela matéria principal e pela capa: Eudes Cruz, um apaixonado por livros desde a infância que se aventura por todos os gêneros literários, embora tenha predileção por suspense, terror e policial, além de colunista da nossa revista. Ele é o autor da matéria “Agatha Christie: a Rainha do Crime”, confira nas próximas páginas.

Os colunistas Rafael Botter e Idianara Lira, também participam desta edição com excelentes textos. O leitor também poderá conferir poesias, contos, crônicas e entrevistas com autores. E como sempre, a Livraria Conexão Literatura está recheada de dicas incríveis para sua leitura.

Viaje conosco pelo mundo dos livros ;)

Para divulgar o seu livro ou anunciar em nosso site e próxima edição, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html



Ademir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar. Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Já publicou contos no Brasil, França, Portugal e México. Autor dos romances “O Desejo de Lilith”, “Caçadores de Demônios” e “Crossroads – Quando os destinos se cruzam”. Atualmente procura por uma casa editorial para o seu novo livro. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas, heróis da Marvel, DC e HQs. E-mail: ademirpascale@gmail.com



conexão Literatura

Nossos Parceiros:

clique sobre os links

www.livrodestaque.com.br

poesiaqueencantavida.blogspot.com.br

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

www.tatianecdesouza.com.br

dailyofbooks.blogspot.com.br

meupassaporteliterario.blogspot.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

entrelinhasdirecionadas.blogspot.pt

deusa1000.wixsite.com/leituracomcafe

www.facebook.com/groups/complexo.tuthor

www.encantoliterario.com.br

www.dear-book.net

www.sugestoesdelivros.com

literaturaporamor1.blogspot.com.br

Grupo: Curtindo e lendo livros adoidado

suka-p.blogspot.com.br

Grupo: Livro Destaque

blogjovensescritores.wixsite.com/escritores

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.facebook.com/jornaltuthor

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateultima pagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

osretratosdamente.blogspot.com

www.estantedowilson.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.livreando.com.br

cinecurtaa.blogspot.com.br

lendocomdaniel.blogspot.com

www.cafeinaliteraria.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

viajandonosslivross.blogspot.com.br

www.salaliteraria.com.br

www.cinderelasliterarias.com

esoportunovagao.blogspot.com.br

www.literagindo.com.br

leiturasdaketellyn.blogspot.com.br

www.facebook.com/tuthorRPG

contaseumlivro.blogspot.com.br

stelivros.wordpress.com

Curta nossa Fanpage: 

www.facebook.com/conexaoliteratura



Por Eudes Cruz

Agatha Christie

A RAINHA DO CRIME

Dia 15 de setembro é a data em que comemora-se o nascimento de Agatha Christie, escritora inglesa, que ficou conhecida como Rainha do Crime. Ela nasceu Mary Clarissa Miller, na cidade inglesa de Torquay, na mansão Ashfield, em 1890. Completaria, portanto, 128 anos.

Seus livros conquistaram fãs do mundo inteiro. Suas obras venderam bilhões de exemplares

e foram traduzidas para quarenta e cinco línguas. Os livros de Agatha, em vendagem, ficam apenas atrás da Bíblia e de Shakespeare.

A escritora, em 1914, casou-se com o Coronel Archibald Christie, piloto do Corpo Real de Aviadores. Foi dele que ela herdou o sobrenome com o qual foi consagrada a rainha dos romances policiais. Com o

marido Archie teve uma filha, Rosalind Hicks. Agatha teve ainda outro casamento, com Max Mallowan.

O Misterioso Caso de Styles, foi o seu livro de estreia, concebido no final da Primeira Guerra Mundial. É nesse livro que surge um dos seus célebres personagens, o detetive belga Hercule Poirot.

Agatha Christie faleceu em 12 de janeiro de 1976, de causas naturais, quando tinha 85 anos de idade. Seu corpo foi enterrado no Cemitério da Paróquia de St. Mary, em Cholsey, Oxon. Os direitos sobre a obra da escritora pertencem a seu neto, Mathew Prichard.

Curiosidades sobre a escritora

Agatha Christie, consagrada escritora inglesa, desperta curiosidade nos leitores. Claro, que numa longa carreira e com dezenas de livros publicados e traduzidos em todo o mundo, há muitos fatos na vida privada e na carreira da escritora que podem atizar o leitor. Vejamos algumas delas:

- “Os Cinco Porquinhos” foi o primeiro livro da escritora a

vender mais de 20.000 exemplares em um ano.

- “Um Brinde de Cianureto” foi o primeiro livro da escritora a vender mais de 30.000 exemplares em um ano.

- Para o famoso livro “O Caso dos Dez Negrinhos” – também chamado de “E Não Sobrou Nenhum”, a autora contaria a história com oito personagens, depois doze e por fim ficou com os dez que estão na trama.

- Agatha Christie conviveu com vários problemas relacionados a pagamento de impostos.

- A escritora, provavelmente, se divertia ao se livrar de Poirot no livro “Cai o Pano”, obra em que o personagem morre.

- “E No Final a Morte” é o título de Agatha Christie com o maior número de assassinatos domésticos, oito.

- Agatha ficou quase três anos sem ver o segundo marido, Max Mallowan, no período da Segunda Guerra Mundial.

- Os feitos de Agatha Christie no teatro entre 1952 e 1955 lhe garantiram o título de mulher

mais bem-sucedida na dramaturgia inglesa.

- Em 21 de janeiro de 1956, a TV Paulista exibiu pela primeira vez uma adaptação de Agatha Christie para a televisão brasileira: Os Três Ratinhos Cegos.

- A morte de Hercule Poirot, o detetive belga criado por Agatha Christie, foi o primeiro obituário de uma pessoa não real publicado pelo New York Times.

- Em 2005 foi lançado o primeiro jogo de vídeo-game baseado na obra de Agatha Christie: And Then There Where None.

- A filha de Agatha Christie, Rosalind Hicks, pretendia ser modelo fotográfico.

- O Retrato é um dos livros escritos sob o pseudônimo Mary Westmacott e acredita-se que por meio da personagem Célia, Agatha conte um pouco de sua própria história.

- O primeiro livro, intitulado O Misterioso Caso de Styles foi fruto de uma aposta feita por sua irmã Madge: “Aposto que você não consegue escrever uma boa história policial”.



- Foram encontrados 73 cadernos com anotações da escritora que revelam o processo de trabalho para composição de algumas de suas obras. John Curran publicou um livro chamado “Os Diários Secretos de Agatha Christie” em mostra partes dos cadernos.

- Agatha escreveu sobre dois casos de homicídio verdadeiro: um em artigo no Sunday Chronicle e outro no Sunday Times.

- Agatha Christie levou aproximadamente quinze anos

para escrever sua autobiografia, que foi iniciada em 1950.

- No início dos anos 1920 deu a volta ao mundo com o marido e chegou a surfar na África e em Honolulu.

Principais personagens

Nos livros criados por Agatha Christie temos uma infinidade de personagens, que apresentam características das mais diversas. São homens, mulheres, crianças e animais que convivem em diferentes lugares e que se veem cercados pela ocorrência de algum crime. Sem dúvida, suas maiores criações são os personagens que desenrolam os mistérios da trama.

Hercule Poirot

O livro de estreia da autora foi “O Misterioso Caso de Styles”. É nesse livro que surge Hercule Poirot. Durante o período da guerra, havia muitos refugiados belgas na zona rural inglesa e embora não tenha sido inspirado em uma pessoa em particular, Agatha pensou que um refugiado de tal nacionalidade e sendo um ex-policia, poderia tornar-se, na história, um grande detetive.

Nos livros Poirot é sempre confundido com alguém de nacionalidade francesa. É um personagem dotado de extravagância, sem modéstia e que muito se gaba do uso de suas “células cinzentas”, o que pode ser considerado como o seu vasto conhecimento da natureza humana. O bigode é uma de suas características marcantes, além da aparência impecável e elegante. O nome Hercule lembra o herói Hércules da mitologia grega, mesmo que o detetive seja um homem pequeno. O sobrenome Poirot tem origem em “poireau”, que em francês significa alho-porro ou verruga.

O personagem mora na Farroway Street, número 14, onde localiza-se a Florin Court, também chamada de Whitehaven Mansions. Hercule diz que pode resolver seus crimes “apenas sentado na sua poltrona” e usando de psicologia humana, tornando-se assim um detetive de deduções aguçadas, que prefere interrogar os envolvidos no caso. É obcecado por ordem e método, chegando a relatar que se alguém praticasse um crime com tais elementos, até mesmo Hercule Poirot seria



incapaz de descobrir o criminoso.

Veja como personagem é descrito no livro em que surge:

“Poirot era um homem extremamente baixinho. Não deveria ter mais do que 1,60m, mas tinha seu orgulho próprio e andava de cabeça erguida. Sua cabeça tinha o exato formato de um ovo, mas ele nunca ligou para isso. Tinha um estilo militar; a limpeza de suas roupas era de invejar, acredito que causaria mais dor nele uma mancha de sujeira do que um tiro. Este homenzinho esquisito, que mancava um pouco, foi na sua época um dos melhores membros da polícia Belga. Como detetive tinha um talento extraordinário, conseguindo resolver casos complexos e emaranhados.”

Miss Marple

Seu nome é Jane Marple, mais conhecida como Miss Marple. Uma velhinha solteirona que mora na pequena aldeia inglesa de St. Mary Mead. Usa vestes simples, cuida de suas plantas e faz tricô. Sua aparência em nada lembra os famosos detetives dos livros, séries ou filmes.

A primeira aparição de Miss Marple foi em “Os Treze Problemas”, publicado em série na Revista Sketch. Já o primeiro livro em que a idosa apareceu foi em “Assassinato na Casa do Pastor”, publicado em 1930. Agatha Christie afirmava que a personagem tinha certa inspiração em sua avó.

No primeiro título em que ela aparece é descrita assim por outro personagem: "Miss Marple é uma senhora idosa, de cabelos brancos, muito suave e simpática. Miss Marple é a mais perigosa."

O sobrinho de Jane é o único parente vivo, um famoso autor chamado Raymond West que subestima a inteligência e a sagacidade de sua tia.

Na solução de crimes a personagem usa sua mente lógica e perspicácia aguçada. Ela se vale também de tudo que aprendeu no vilarejo em que mora. Para ela, todo e qualquer crime, não importa onde aconteça, lembra algum fato que aconteceu na pequena vila. Jane também fez cursos de arte e tem noções de anatomia.

Tommy e Tuppence

Thomas Beresford e Prudence Cowley são mais conhecidos como Tommy e Tuppence. O casal é uma espécie de “casal 20” criado por Agatha Christie. Eles estão sempre acompanhados de seu fiel escudeiro, Albert. Em 1922 foi publicado o primeiro livro em que os personagens aparecem, “O Inimigo Secreto”.

Ao mesmo tempo que se amam, eles também implicam um com o outro. No decorrer dos outros livros em que Agatha expôs a dupla, eles envelhecem.

Trecho que descreve os personagens no livro "O Inimigo Secreto":

"Tommy sentou-se em frente a ela. A cabeça descoberta deixava expostos os cabelos ruivos, lustrosos e penteados para trás. O rosto não era bonito, um tanto indefinido, mas sem dúvida o rosto de um cavalheiro e desportistas. O terno marrom era de boa qualidade, mas estava muito gasto.

Formavam um casal moderno. Não se podia dizer que Tuppence fosse uma beldade, mas havia personalidade e charme nas feições delicadas - o queixo um pouco grande e

decidido; os olhos castanhos atentos sob as sobrancelhas pretas e retas. Usava um pequeno chapéu verde sobre os cabelos pretos bem curtos. A saia muito curta e um tanto puída deixava à mostra os tornozelos graciosos. Sua aparência demonstrava uma esforçada tentativa de parecer elegante."

Em “Sócios do Crime” (1929), passa-se seis anos, e é quando eles resolvem trabalhar em uma agência de detetives, tornando-se sócios da Jovens Aventureiros Ltda. Num dos livros publicados no Brasil a nomenclatura é alterada para Agência de Detetives Internacional.

No terceiro livro, “N ou M?”, publicado em 1941, o casal é apresentado vinte anos depois. O quarto livro veio em 1968 sob o título de “Um Pressentimento Funesto”. O quinto e último livro foi lançado em 1973. Intitulado “O Portal do Destino”, os personagens aparecem mais idosos e aposentados.

Tuppence é mais intuitiva e Tommy é mais realista, mais pé no chão. Tal afirmação sobre a característica dos personagens pode ser ratificada com um

trecho do capítulo 2 do livro "Sócios do Crime", quando iniciavam a agência:

"- Será maravilha demais - declarou - Vamos caçar assassinos, encontrar joias perdidas de família, localizar pessoas desaparecidas e identificar os responsáveis por desfalques.

Nesse momento, Tommy sentiu que era seu dever dar um toque desencorajador:

- Acalme-se, Tuppence, e tente esquecer a ficção barata que você costuma ler. Nossa clientela, se é que teremos alguma, será constituída unicamente de maridos que querem que sigam suas esposas e de esposas que querem que sigam seus maridos. A obtenção de provas para fins de divórcio é a única função que se dá a investigadores particulares."

Agatha Christie como Mary Westmacott

A célebre escritora Agatha Christie não escreveu somente livros recheados de investigações policiais e crimes dos mais variados tipos, também escreveu livros que estão fora desse âmbito.

Sob o pseudônimo de Mary Westmacott ela escreveu seis romances, entre 1930 e 1956, deixando de lado a investigação e tratando dos conflitos e emoções próprios dos seres humanos. Os livros são: Entre Dois Amores (1930), Retrato Inacabado (1934), Ausência na Primavera (1944), O Conflito (1948), Filha é Filha (1952) e O Fardo (1956). Os anos mencionados são da publicação original na Inglaterra.

Fãs de Agatha Christie no Brasil

São inúmeros os leitores fãs de Agatha Christie. Alguns, inclusive, tornaram-se escritores conhecidos no Brasil, como Raphael Montes (autor de Suicidas, Dias Perfeitos, O Vilarejo e Jantar Secreto) e Victor Bonini (autor dos livros Colega de Quarto e O Casamento). Quem lê uma obra da autora deseja comentar, compartilhar, trocar informações sobre a escritora, suas tramas e seus personagens.

Para falar sobre Hercule Poirot, Miss Marple, Tommy e Tuppence e todos os outros personagens da autora, é possível fazê-lo no Facebook. Uma boa dica para isso é conhecer um grupo e uma

fanpage dedicados à escritora inglesa.

Agatha Christie Brasil

Administrado Mônica Ferreira, Victor Bonini, Cris Siqueira e Tito Prates, autor da biografia em língua portuguesa *Agatha Christie From My Heart*, o grupo Agatha Christie Brasil tem mais de 5100 membros e por lá os leitores podem compartilhar suas leituras, informações sobre os livros de Agatha Christie, fotos de suas coleções e declarar o seu amor pela escritora.

Agatha Christie Brasil & Língua Portuguesa

A página do Facebook é a maior do mundo, depois da página oficial de Agatha Christie. Tem mais de 7500 membros, de quarenta e cinco países – trinta línguas. Os fãs da Rainha do Crime podem acompanhar a página e ter acesso a muitas informações sobre a autora e sua obra.

Lar da Agatha

A Rainha do Crime inspira. O canal literário Lar da Agatha, no YouTube, também tem conquistado fãs. O nome, como

podemos notar é uma clara alusão à escritora policial. Comandado por uma drag queen, criação de Júnior Stornelli, o canal tem chamado a atenção do público. “A minha drag queen é booktuber e não consegui imaginar outra possibilidade de nome que não fosse homenagear a minha Rainha do Crime” – nos revelou Agatha Christie.

A biografia brasileira de Agatha Christie

A escritora inglesa tem uma biografia publicada no Brasil, feita por brasileiro. Tito Prates, escritor, pesquisador e embaixador de Agatha Christie no Brasil, nomeação dada pelo neto de Agatha, publicou em 2016 o livro *Agatha Christie From My Heart – Uma Biografia de Verdades* (Editora Illuminare; 373 páginas).

No livro, Tito relata os fatos da vida de Agatha e desmistifica algumas passagens apresentadas em outras tantas biografias da escritora, além de retificar equívocos publicados por outros autores. Mais do que isso, Tito fez um livro repleto de verdades que foram pesquisadas, avaliadas e confirmadas. Tudo

que é apresentado passou pelo crivo e olhar aguçado de quem se ateuve aos acontecimentos e não a interpretações abstratas sobre a biografada.

O leitor conhecerá Agatha profundamente, passando por suas características pessoais (como o traço da timidez), a genealogia de sua família, a fase da juventude, o encontro com Archie, o casamento, o nascimento da filha Rosalind, o rompimento com o marido, o novo relacionamento, seu desaparecimento, a vivência com

os outros membros da família e seus momentos de dificuldade e felicidade. Naturalmente, o leitor vai conhecer também aspectos curiosos da carreira de Agatha Christie como escritora, detalhes de suas publicações e contratos, sua visão e atuação no universo literário. As várias faces de Agatha estão presentes: a mulher, a mãe, a esposa, a escritora.

“Agatha Christie From My Heart” é uma obra consistente. Um guia para ler, reler e consultar.



Eudes Cruz é paulistano. Gestor de processos atuou como coordenador de desenvolvimento de produtos. É apaixonado por livros desde a infância e se aventura por todos os gêneros literários, embora tenha predileção por suspense, terror e policial. Adora animais e reside na capital paulista. Blog: tomoliterario.blogspot.com.br. E-mail: tomoliterario@gmail.com.



PUBLIQUE CONOSCO!



Valorizamos o
Autor NACIONAL

www.dragoeditorial.com

“Porque todos têm uma
história pra contar”



NO MEIO DA PRAÇA

Por Rafael Botter

Tinha Um Coreto

Sim! Aproveito o contexto do grande poema “No Meio do Caminho” do genial Carlos Drummond de Andrade, peço licença para entoar essa humildade e singela crônica para os leitores da Revista Conexão Literatura.

Creio eu que na grande maioria das cidades, existem uma praça que em seu centro tenha um coreto, alguns ainda em pleno funcionamento, outros completamente abandonados

deixando o tempo castigar suas estruturas.

Em cidades do interior, as praças possuem um ar bucólico, poético e inspirador, é o caso daqui de Ibitinga, na qual eu moro, bem no coração do interior de São Paulo.

Com aproximadamente 60.000 mil habitantes, Ibitinga possui diversos atrativos turísticos, porém quero destacar apenas o coreto da praça central, afinal, o

tema da crônica é justamente um coreto.

Quando você está indo para o centro da cidade, querendo ou não acaba notando (ouvindo) o som do momento que está tocando no coreto, até mesmo música dos anos 70, 80 e 90.

Uma viagem no tempo!

Uma combinação perfeita? Junta um domingo tranquilo, pode ser

na parte da tarde, separe um bom livro e um banco da praça. Perfeito! Nada melhor que passar um dia agradável em uma companhia literária, infelizmente o coreto não toca músicas aos finais de semana.

Morar em cidade do interior tem suas vantagens, basta ser criativo e apreciar os pequenos detalhes que são oferecidos.



Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog **Livreando:** <http://www.livreando.com.br> e **Traveling Between Pages:** <http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br>. E-mail: botter.rafael@gmail.com.

LIMBOGRAPHIA

por Roberto Schima



Vinte contos de ficção científica e fantasia em sua maior parte, entre os quais a história "Como a Neve de Maio", vencedora do Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record).

Olhe lá fora. A noite caiu e as estrelas continuam a brilhar no céu como antigamente, embora já não tão nítidas. Aparentam estar ao alcance de nossas mãos. Está vendo?

Existe o silêncio. Existe o mistério.

Existe o sonho.

Respiremos fundo o ar frio e úmido:

Fechemos bem os olhos e, com toda a paixão...

Ergamos os braços.

Roberto Schima

Nasceu na cidade de São Paulo/SP em 01/02/1961. É neto de japoneses, por mais que o seu sobrenome pareça alemão. Faz ilustrações, escreve contos e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela extinta "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37, de Julho de 2018.

Informações: Google e sites do gênero.

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



Para obter o livro (edição em papel - com ou sem capa dura - ou digital):

<https://www.clubedeautores.com.br>

<https://www.agbook.com.br>



Por Rafael Botter

(Des)encanto

Bean (Abbi Jacobson) é uma princesa alcoólatra que vive no reino mágico de Dreamland ao lado de Luci (Eric Andre), seu demônio pessoal, e de Elfo (Nat Faxon), seu melhor amigo. Além dos problemas com a bebida, essa jovem da realeza está disposta, juntamente com sua turminha, a viver as mais inusitadas aventuras, nem que para isso tenha que encarar terríveis ogros ou tolos humanos.

IMPRESSÕES:

Saudações literárias e cinematográficas, queridos leitores da Revista Conexão Literatura. Setembro chegou e mais uma edição indo ao ar, sem deixar aquela dica de filme e série da Netflix. Hoje escolhi uma série do mesmo criador de “Os Simpsons”. Vamos direto ao assunto?

Para essa edição, escolhi a série “(Des)encanto”, criação do genial Matt Groening, o mesmo



criador dos sucessos “Os Simpsons” e “Futurama”, agora na Netflix (quem diria!). Em poucos dias da estreia, a série já é grande sucesso na plataforma streaming.

Logo de início, somos apresentados em um reino medieval, conhecido como “Terra dos Sonhos”. A série segue toda a história da jovem princesa Bean, porém, ela tem um sério problema com álcool.

O Rei Zog quer a todo custo que sua filha se case o quanto antes, para fins territoriais de outros reinos e questões pessoais do próprio rei, entretanto, a jovem Bean decide chutar tudo e viver sua vida da melhor maneira

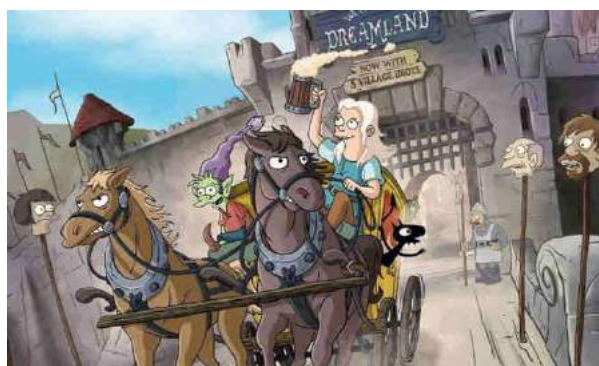
possível. Bebendo e arrumando encrencas em todo o Reino.

Outros dois personagens aparecem para mudar de vez a vida da Princesa Bean. Um elfo e um demônio pessoal, conhecido como Luci, muitas vezes confundido com um gato preto. Matt Groening está em sua melhor forma, em produzir uma série fora da Fox, mostrando o seu lado ainda mais ácido, irônico e sarcástico. Vale lembrar! Mesmo sendo uma série animada, o público alvo são os adultos e maiores de 14 anos, pois o criador não poupa cenas de violência e palavrões em excessos.

(Des)encanto possui um ritmo intenso nos episódios iniciais, mostrando um pouco mais da história dos personagens secundários, Elfo e Luci.

O roteiro é bem estruturado, fluído e bem sarcásticos, uma breve curiosidade: na dublagem brasileira, vamos notar várias citações de memes que fizeram sucesso na internet aqui no Brasil. Ah! Outro detalhe importante, os espectadores vão encontrar centenas de referências das séries “Os Simpsons” e “Futurama”, então, fiquem bem ligados.

Se vale a pena? Sem sombra de dúvida! Nunca imaginamos o criador dos Simpsons produzindo uma outra série fora dos portões da Fox, bem mais intensa e criativa, tendo como uma protagonista uma mulher com seus princípios e objetivos de viver do seu modo e jeito.



Título Original: Disenchantment

Direção: Matt Groening e Bill Oakkey

Duração: 20 – 30 minutos

Elenco (Vozes): Abbi Jacobson,

Nat Faxon, Eric André, John DiMaggio e Billy West

Episódios: 10. 1ª Temporada

Gênero: Fantasia/Comédia

Origem: Estados Unidos

Rafael Botter vive em Ibitinga (São Paulo). Escreve para o blog Livreando: <http://www.livreando.com.br> e Traveling Between Pages: <http://travelingbetweenpages.blogspot.com.br>. E-mail: botter.rafael@gmail.com.



**ANUNCIE NA REVISTA
CONEXÃO LITERATURA**

CLIQUE AQUI

LIVRARIA CONEXÃO LITERATURA



As borboletas no muro do cemitério
Rogério Lima Goulart

Acesse



Travestis Brasileiras em Portugal
Francisco J.S.A. Luís

Acesse



Compêndio de um amor perdido
Carmen Villas Bôas

Acesse



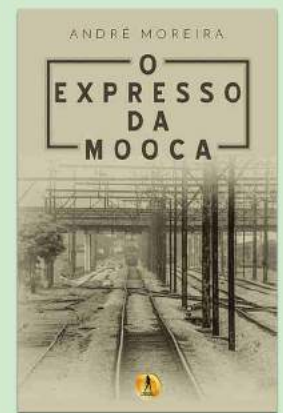
O Sio das Salamandras Não Seduz Camaleões
Edmilson Felipe

Acesse



Descansar do Mundo
Marina Bueno Cardoso

Acesse



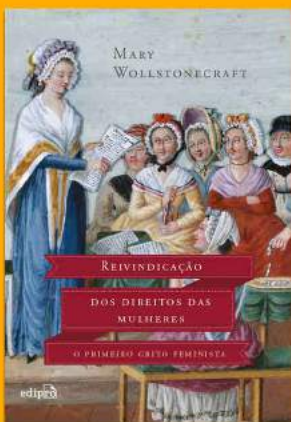
O Expresso da Mooca
André Moreira

Acesse

“A leitura de todos os bons livros é uma conversação com as mais honestas pessoas dos séculos passados.”
– René Descartes

Destaque o seu livro nesta página por R\$ 20,00 em nossa próxima edição, escreva para: ademirpascale@gmail.com





Reivindicação dos direitos das mulheres
Mary Wollstonecraft

[Acesse](#)



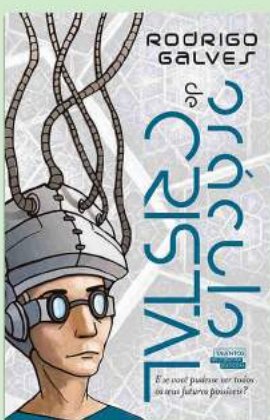
O Clã das Amazonas
C. C. Oak

[Acesse](#)



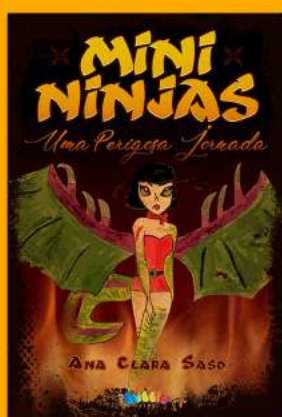
A Garota do Orfanato Sombrio
Temple Mathews

[Acesse](#)



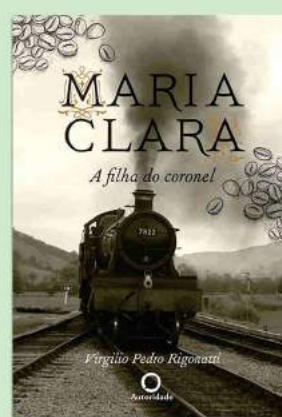
Oráculo de Cristal
Rodrigo Galves

[Acesse](#)



Mini Ninjas
Uma jornada perigosa
Ana Clara Saso

[Acesse](#)



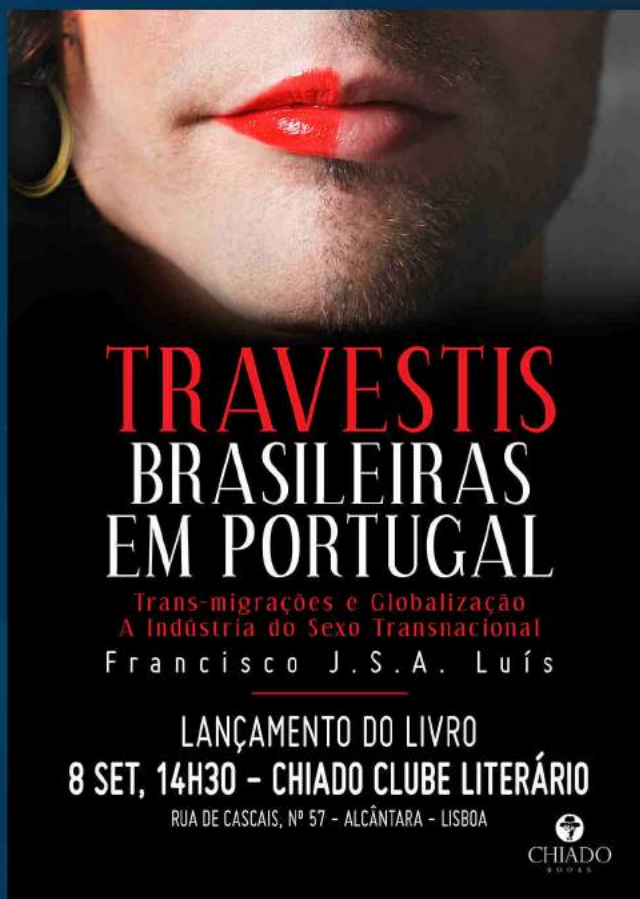
Maria Clara
A Filha do Coronel
Virgílio Pedro Riginatti

[Acesse](#)

“A leitura engrandece a alma.”
– Voltaire

Destaque o seu livro nesta página por R\$ 20,00
em nossa próxima edição, escreva para:
ademirpascale@gmail.com





Um trabalho de
pesquisa do autor
português
Francisco J. S. A
Luís

Lançamento:
8 Set, 14h30 -
Chiado Clube
Literário
Rua de Cascais, 57 -
Alcântara - Lisboa

O século XXI acentuou a celeridade dos processos globalizantes e a densificação de tecidos urbanos repletos de contrastes. O mundo já não é a preto e branco e o anonimato trouxe consigo a cor sob a forma de diferença, que, enquanto experiência vivida, se tornou comunitariamente possível na cidade. Quebra-se na prática a uni-direccionalidade entre sexo e género ou entre sexo e sexualidade, enfrentando-se esquemas de pensamento enraizados. O paradigma máximo desta autonomia sistémica alcança-se na construção de uma identidade travesti mutante, mutável e instável que acompanha um mundo profusamente povoado por fluxos intensos e interdependências várias. É na sociedade global que as travestis encontram espaço para a vivência transnacional e comunitária das viagens trans. Brasil, europa, cidade, prostituição e migração surgem como fatores chave para a sua disseminação geográfica e identitária. A rua tornou-se a sua nova casa e as outras travestis são agora a sua família.

Para adquirir o livro: [clique aqui](#)

Confissão

por Idianara Lira Navarro

Caneta em punho, abajur aceso
Papel em branco rabiscado a esmo
Tantas ideias, mas todas dispersas
Inspiração perdida, fugiu às pressas

Escaparam-me todas as palavras
Não me acharam digna de lavra
E diante ao computador
Tal certeza me causou furor

Falhei no exercício de escrever
E buscar me entender
Desnudar o sentimento
Tornou-se um profundo tormento

Falhada a ação
Desistir talvez seja a opção
Mas e os sonhos e os desejos?
Extirpo da alma e busco novos ensejos?

Hoje fracassei
Mas amanhã novamente tentarei
E mesmo que se acabem os papéis
E as canetas e lápis não me sejam mais fiéis

O amor pela escrita prevalecerá e um dia, correspondido será.

O Silêncio

por Idianara Lira Navarro

Trago em mim palavras não ditas

Questionamentos não feitos

Mentiras não inventadas

Insultos não dirigidos

Carrego inúmeros venenos

Desconfiança

Descrença

Ciúme

Quando estou presente causo desconforto

Nos relacionamentos

Nos sentimentos

Nas pessoas

Tenho imenso poder

Invento histórias não contadas

Transformo alegria em tristeza

As vezes amor em ódio

Infelizmente muitos acreditam

Que minha presença pacífica

Repleta de uma tensão impetuosa

É melhor, do que a realidade abrupta, de temores ruidosos

Saibam todos, porém, que não sou um carrasco

Responsável em lhes conduzir para crueldades

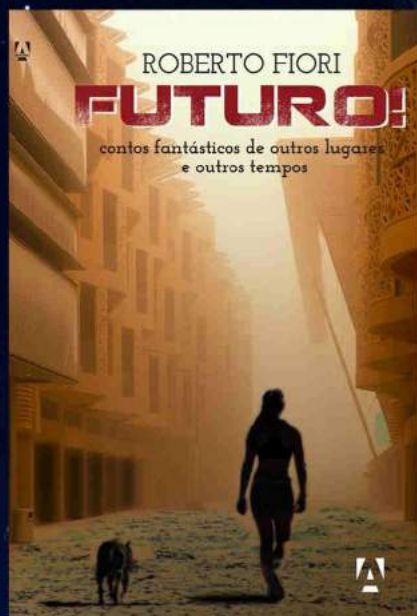
Vocês que me utilizam no momento inadequado

Então não me culpem pelos seus dissabores

**Afinal, relações humanas precisam de comunicação
E eu, em muitas ocasiões apenas prejudico
E termino silenciando o que há de belo em seus corações...**

Idianara Lira Navarro, nasceu em Pernambuco no ano de 1983. A paixão pelo universo dos livros a conduziu a Livraria Laselva, onde trabalhou por mais de cinco anos. Em 2010, se licenciou em Letras/Inglês pela Universidade de Santo Amaro/SP.

No ano seguinte, criou o blog Encanto Literário, com o intuito de compartilhar seu amor pelos livros e divulgar textos de sua autoria. Em 2012 e 2013, revisou o Anuário Anepac. No período de maio de 2018 a novembro de 2016, atuou como escritora voluntária no site da rádio Educativa FM 105,9 (Piracicaba/SP). Este ano, colaborou com a revisão da Antologia Sonhos Literários, na qual também consta um poema de sua autoria. Desde julho de 2018, é colunista voluntária do site da Revista Conexão Literatura e desde 2010, atua como secretária em uma associação do terceiro setor.

The background of the entire advertisement is a large, detailed image of the Earth as seen from space. The planet's surface is covered in clouds and landmasses, and it is set against a dark blue sky filled with stars. A sleek, futuristic spacecraft with a yellow light trail is flying across the right side of the frame, partially obscuring the Earth.

CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

para adquirir
[clique aqui]

Par Perfeito

por Ajomar Santos

Agora, estamos sós...
Relembrando passados instantes,
Eu sem você,
Você sem mim,
Completamente distantes...

Confesso que foi amargo
Aquele seu adeus,
Que por ser tão triste devassou
Todos os sonhos meus...

Espero que o seu coração
Sinta falta do meu peito,
Que apesar dessa distância,
Formamos um par perfeito...

Peço perdão pelo que te fiz,
Não poderemos viver distantes assim,
Quero que você volte...
E que essa saudade chegue ao fim...

Teu Nome

por Ajomar Santos

Muitos me perguntam o teu nome,
Mas, neste momento, não posso dizer,
Teu nome é como se fosse um segredo
Que algum tempo preciso esconder...

Você é tão linda que é difícil
Resistir ao teu encanto e a tua graça,
Confesso que penso em você
A cada minuto que passa...

Teu sorriso é tão sublime que me enfeitiça
E me leva voando para qualquer sonho,
Onde teu beijo é tudo que mais quero,
E tantos versos para ti eu componho...

Teu nome está no arco-íris
E nos olhos de todo mundo,
É tão difícil deixar de te olhar
Mesmo que seja por um segundo...

Anoiteceu

por Ajomar Santos

Anoiteceu.

E você nem veio me dizer
Os motivos que teve para partir,
Deixando-me só, sem você...

Anoiteceu.

E eu pensei tanto em você,
Que nem vi a manhã passar
Nem ao menos vi o entardecer...

Anoiteceu.

E esta noite eu sei que vai passar,
Só não sei se passará a dor
De saber que você não vai mais voltar...

Anoiteceu.

E eu nem tive tempo para dizer,
Da saudade que eu vou guardar,
E da paixão que eu sinto por você...

Anoiteceu.

E eu espero um amanhecer,
E o sol para me acordar,
E me fazer te esquecer...

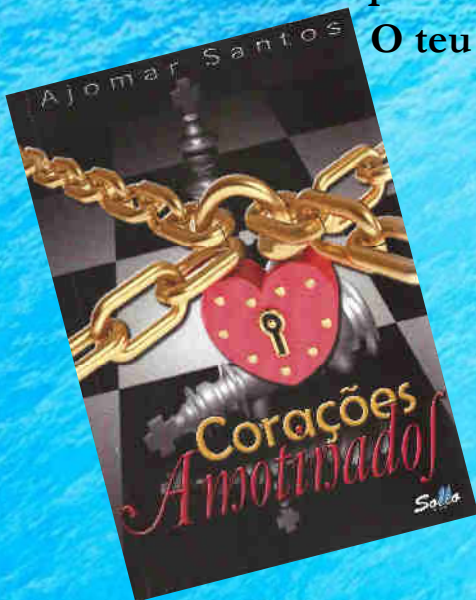
Linda Demais

por Ajomar Santos

Procuro em você um defeito,
Apenas um que me faça esquecer,
Mas por mais que eu procure não encontro,
E penso ainda mais em você...

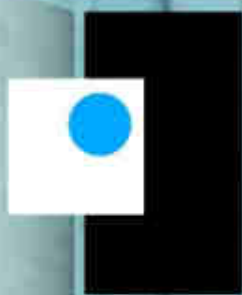
Desejo achar qualquer defeito,
Que me faça desgostar de você,
Sufocar este amor preso em meu peito
Pois eu já não suporto mais sofrer...

Se eu achasse esse defeito eu te esqueceria,
E poderia outra vez viver em paz,
Mas por mais que eu procure não encontro,
O teu defeito é ser linda demais...



AJOMAR SANTOS nasceu em Recife-Pernambuco, no dia 26 de Outubro de 1966, estudou o ensino fundamental I e II na Escola Eleanor Roosevelt (de 1975 a 1981) e o ensino médio na Escola Santos Dumont (de 1982 a 1985). Ele despertou seu interesse pela literatura quando cursava a 5ª série, época na qual após algumas aulas de português começou a compor os seus primeiros versos.

AJOMAR é autor dos livros: Heróis e Vilões (romance policial), Da água para o vinho (poesia), Meu amor por uma rosa (poesia) e Corações amotinados (poesia).



TOMO LITERÁRIO

Um blog sobre livros

www.tomoliterario.blogspot.com

Resenhas

Lançamentos

Escritores

Indicações

 @Tomoliterario

 @Tomoliterario

 Tomo Literario

C. C. OAK

Autora do livro "O Clã das Amazonas - Os Reinos do Norte"

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



C.C.Oak é escritora e advogada. O Clã das Amazonas – Os Reinos do Norte é seu primeiro romance de fantasia, uma trilogia destinada ao público young adult.

Tudo começou com o impulso de estimular o filho disléxico a ler. Sua filha, vivenciando esse cenário junto ao irmão, tornou-se devoradora de livros. Após anos de leitura conjunta, os filhos pediram que a mãe, acostumada a redigir contratos com mais de mil páginas, escrevesse um livro para a idade deles, o público jovem.

E foi assim que surgiu o Clã das Amazonas.

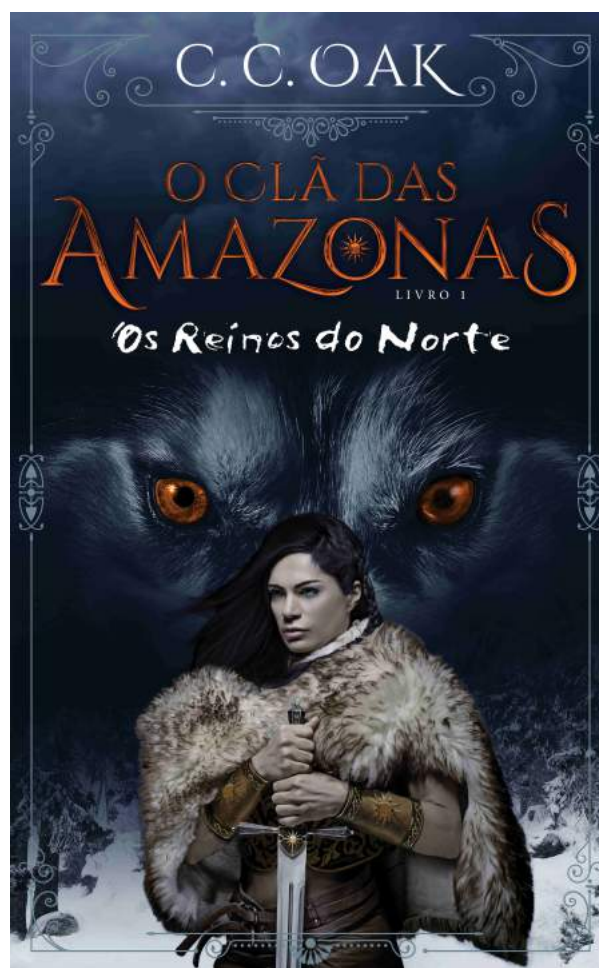
ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

C. C. Oak: Depois que me comprometi com os meus filhos a escrever um livro, parei e pensei: e agora, por onde

começar? Apesar de ser uma leitora assídua, precisava entender do mercado editorial. Após ler exaustivamente sobre o setor, dois itens de um artigo chamaram minha atenção. O primeiro foi que os jovens, mais que a história, querem se apaixonar pelos personagens, mesmo os secundários. O segundo aspecto que eu inclusive já estava percebendo quando comprava livros para os meus filhos, é que os jovens estão buscando temas diversificados, que fogem um pouco das histórias sobre vampiros, drácula, inferno, bruxos e mundos paralelos. Então nasceu o Clã das Amazonas, ambientado na idade média e na mitologia grega, com personagens fortes e divertidos. Quando eu comecei a escrever, não consegui mais parar. Do primeiro livro “Os Reinos do Norte”, nasceu uma trilogia.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “O Clã das Amazonas - Os Reinos do Norte” (Amazon). Poderia comentar?



É um livro que mistura suspense, mistérios, aventura, traição e até uma pitada de humor. Tenho recebido feedback positivos dos leitores que se empolgaram com a saga de Sophie e Rapha e isso é o melhor que eu poderia esperar.

Em uma semana mil livros foram baixados na Amazon e após isso a TV Globo Sul Fluminense me convidou para dar uma entrevista para o programa “Revista”, que irá ao ar no



próximo dia primeiro de setembro.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

C. C. Oak: Apesar de ser um livro de ficção, eu quis trazer um pouco de realismo à história, para não ficar muito infantil. Inicialmente estudei sobre os deuses gregos e suas personalidades, depois foi a vez dos ambientes medievais. Conforme o livro foi amadurecendo, senti necessidade de me aprofundar em estratégias e então eu li “O Príncipe” e “A Arte da Guerra”, sem contar as pesquisas sobre o treinamento de forças militares antigas e atuais, como os espartanos, os rangers e os seals americanos e no Brasil o BOPE, Brigada Paraquedista e Sobrevivência na Selva. Se uma pessoa fala nos espartanos, a imagem que vem à mente é de guerreiros invencíveis. Se pensam nos seals, sabem que são umas das forças mais poderosas

do mundo. Pois é, eu quis transportar o leitor à realidade do treinamento das amazonas, e para isso eu tive que fazer alguns estudos.

No total, entre as pesquisas e o lançamento do primeiro livro da trilogia, eu levei aproximadamente um ano.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

C. C. Oak: Eu gosto do discurso da rainha Carly quando as guerreiras amazonas partem para derrotar o duque Noah, que com suas criaturas pretendiam conquistar todos os reinos do Norte. Acho um trecho forte. “— Vi nosso clã ser treinado dia após dia... ano após ano... Vocês também viram... Vi meninas se transformarem em grandes guerreiras... E vocês também viram... Então, sabem o motivo de serem tão temidas... Vocês são as melhores... Então mostrem o valor desse clã!”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá

proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

C. C. Oak: O livro, na versão em português pode ser adquirido na Amazon.com.br, e a versão em inglês na Amazon.com, conforme os links abaixo.

Na Amazon.com.br – livro em português

https://www.amazon.com.br/C1%C3%A3-das-Amazonas-Reinos-Norte-ebook/dp/B07G4S797H?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=236KYR851IQ1F&keywords=cl+das+amazonas&qid=1534212327&srefix=cl+das+ama%2Caps%2C352&sr=1-1-fkmrnull&ref=sr_1_fkmrnull_1

Na Amazon.com – livro em inglês

https://www.amazon.com/Clan-Amazonas-Kingdoms-North-ebook/dp/B07G4YNPQK/ref=sr_1_1?s=books&ie=UTF8&qid=1534212481&sr=1-

[1&keywords=the+clan+of+the+amazon](https://www.amazon.com/Clan-of-the-Amazonas-Kingdoms-North-ebook/dp/B07G4S797H?keywords=the+clan+of+the+amazon)

Mantenho atualizadas minhas redes sociais, assim como meu trabalho literário:

Versão em português:

Site:

www.cladasamazonas.wixsite.com/cladasamazonas

Facebook: @cladasamazonas

Instagram: @cladasamazonas

e-mail:

cladasamazonas@gmail.com

Versão em inglês:

Site:

www.clanoftheamazons.wixsite.com/clanoftheamazons

Facebook: @clanoftheamazons

Instagram: @clanoftheamazons

e-mail:

clanoftheamazons@gmail.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

C. C. Oak: A curto prazo vou terminar a trilogia. “Os Reinos do Centro” deve ser editado até o final de 2018 e “Os Reinos do Sul” até meados de 2019. Mas



nunca mais vou conseguir parar de escrever, virou uma cachaça.

Perguntas rápidas:

Um livro: A série Millennium (literatura adulta); Rangers: Ordem dos Arqueiros (literatura juvenil)

Um (a) autor (a): Sidney Sheldon

Um ator ou atriz: Antonio Fagundes

Um filme: Doutor Jivago

Um dia especial: O nascimento dos meus filhos

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

C. C. Oak: “Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro.” (Dom Pedro II).

ANDRÉ MOREIRA

Autor do livro "O Expresso da Mooca"

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



O André é um libriano do dia 12 de outubro que nasceu no bairro carioca de São Cristóvão. Foi criado por uma família de judeus no Leblon e aos oito anos foi morar no subúrbio carioca, no bairro de Brás de Pina.

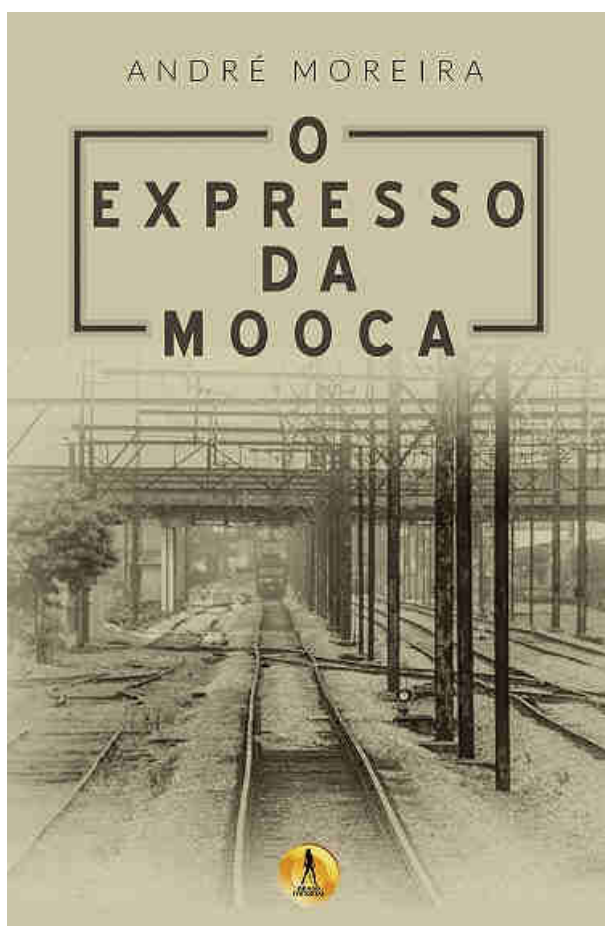
Aos trancos e barrancos se formou em Matemática, é funcionário público da Rede Estadual de Ensino e cursa a Pós em Gênero e Sexualidade. No entanto, ainda não realizou o seu maior sonho que é ser professor universitário.

O André devora cultura com tanta garra que sua história sem falar de Carnaval e Festa Junina, não é sua história.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

André Moreira: Foi aos 11 anos quando eu li um livro da Maria Heloísa Penteadó (No Reino Perdido do Beleléu) e um ano



depois escrevi um livreto como projeto escolar.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Expresso da Mooca” (Drago Editorial). Poderia comentar?

André Moreira: O livro conta a história de um moquense que vai morar no Rio de Janeiro após uma viagem no antigo Trem de Prata. Sendo que o tal paulistano é extremamente mulherengo e machista. Porém, após uma situação traumática ele se descobre bissexual e é essa a

grande pergunta do livro como lidar com a sua bissexualidade sendo você um cara machista?

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

André Moreira: Sim, escrever o Expresso foi uma idéia louca que surgiu em 2007 e é fruto de dez anos de pesquisa e trabalho.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

André Moreira: Não um trecho em especial, mais sim, o capítulo onde eu aponto as muitas diferenças culturais que permeiam as duas cidades. Mas, eu acho a frase: “Aqui bolacha é biscoite e ninguém dá biscoito na cara de ninguém!” Como um claro exemplo disso.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

André Moreira: Basta acessar o site da Drago Editorial ou da Livraria da Travessa e procurar pelo Expresso da Mooca.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

André Moreira: Sim, ainda pretendo lançar mais seis projetos: Um deles sairá logo depois do Expresso, junto com outros autores. Trata-se de um livro sobre o Mundo Junino do Rio de Janeiro.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Povo Brasileiro – Darcy Ribeiro.

Um (a) autor (a): Maria Heloísa Penteadó.

Um ator ou atriz: Sacha Baron Cohen e Fernanda Torres.

Um filme: A Fita Branca.

Um dia especial: É uma pergunta complexa... Um dia é

especial quando ele marca um ciclo ou finda outro. Prefiro dizer que o brasileiro sempre tem dias especiais.

Mas, não os percebe como tal. Como foi o caso da escolha do Rio para ser sede olímpica em 2016.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

André Moreira: Sim, quero agradecer pela oportunidade e dizer que eu acredito fielmente de que o bem chama o bem.

Sinto que as pessoas estão perdendo a sua raiz e desde o momento em que acordamos, até a hora de dormir, estamos buscando por informações. Viver, nos dias de hoje, é buscar informações. **LEITURA É UM CAMINHO!**

CARMEN VILLAS BÔAS

**Autora do livro "O Compêndio
de um Amor Perdido"**

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



Nascida e criada na cidade do Rio de Janeiro, casada, mãe de dois filhos, médica formada pela UFRJ.

Publicou o seu primeiro livro "Apenas alguns dias nas nossas vidas", há dois anos, pela editora Chiado e, agora, "Compêndio de um amor perdido", pela Drago Editorial.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Carmen Villas Bôas: Uma paixão que começou na infância, na casa onde cresci, onde havia uma estante cheia de livros, alguns bem antigos, que pertenciam a minha mãe, daí

veio essa curiosidade e gosto pela leitura, desde criança, passo horas lendo.

Durante toda a minha vida, imaginava muitas histórias, que nunca foram para o papel, até que em um certo dia, a cerca de quatro anos, em uma conversa corriqueira, minha filha perguntou, porque eu não escrevia. Por que não? Assim,

comecei a escrever as minhas histórias.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Compêndio de um amor perdido” (Drago Editorial). Poderia comentar?

Carmen Villas Bôas: “Compêndio de um amor perdido” é um livro essencialmente feminino, nascido quase como uma brincadeira, mas séria, já que eu conto fragmentos de histórias de amores e desilusões de pessoas que conheço, todas sintetizadas em uma só personagem, uma mulher sem nome.

Como na vida, essa história tem um lado dramático e outro engraçado. Os capítulos estão (quase) em ordem alfabética e falam sobre sentimentos e anseios que todas as mulheres já vivenciaram algum dia.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Carmen Villas Bôas: Como as histórias que eu usei estavam na

minha memória, não precisei de muita pesquisa, só foi mais organização e encontrar um sentimento que caberia naquele capítulo, meu problema foram as letras X e Z, no final do livro, então, usei o recurso das letras maiúsculas no meio da palavra, os capítulos são ApaiXonar-se e FeliZ.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Carmen Villas Bôas: Destaco uma parte do primeiro capítulo Abandonada, quando tudo começa:

“..., pois não conseguia acreditar que tanto amor acabasse com uma acusação e condenação pelo o roubo da felicidade do homem que amava. A felicidade que ele havia confiado a mim, que eu não soube cultivar e acabei por perder. Minha sentença era o abandono, sem piedade ou recursos, julgada à revelia.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um



exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Carmen Villas Bôas: Por enquanto, o livro “Compêndio de um amor perdido” pode ser adquirido pelo site www.dragoeditorial.com/catalogo/.

Comecei a mostrar meu trabalho literário há pouco tempo, mas se quiserem conhecer um pouco mais podem procurar pelo meu outro livro “Apenas alguns dias nas nossas vidas”, pela editora

Visite: <https://www.dragoeditorial.com>

Chiado, uma divertida comédia romântica.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Carmen Villas Bôas: Sim, estou com um novo livro pronto, que desejo publicá-lo o ano que vem.

Perguntas rápidas:

Um livro: Memórias de Adriano

Um (a) autor (a): Marguerite Yourcenar

Um ator ou atriz: Meryl Streep

Um filme: O brilho eterno de uma mente sem lembranças

Um dia especial: Não dá para destacar, pois foram muitos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Carmen Villas Bôas: Eu estou muito orgulhosa de estar falando aqui sobre o meu novo livro e, sem muitas pretensões, espero que os leitores se divirtam com as histórias que tenho para contar.

LIVRODESTAQUE

www.livrodestaque.com.br

Especialista em
divulgação de livros
e autores

AND THIS IS HOW IT IS
we go home
and we shut our doors
we don't sleep with them open
for fear the world sees in
really sees us
sees our pain
sees our mess
sees the things we can't brush into place
the art we create we're too afraid to show the world
see our broken hearts
we don't open our doors wide
turn the spotlight on
say, "I haven't done laundry in a week. My girlfriend
I'm not sleeping."
at the white door
iddle
ll night.

MANUELA MARQUES TCHOE

**Autora do livro "Ventos
Nômades"**

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



Baiana de Salvador, Manuela Marques Tchoe vive há mais de dez anos na Alemanha, onde trabalha como executiva de marketing. Manuela é uma escritora apaixonada por culturas diferentes, um tema com o qual ela vive todos os dias. Seu primeiro livro, Ventos Nômades, é uma coleção de contos que cruzam continentes e exploram o desejo de viajar e do exótico, os desafios e maravilhas de relacionamentos multi culturais e imigração.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Manuela Marques Tchoe: Sempre tive um desejo de escrever, mas foi algo que ficou adormecido dentro de mim. Eu

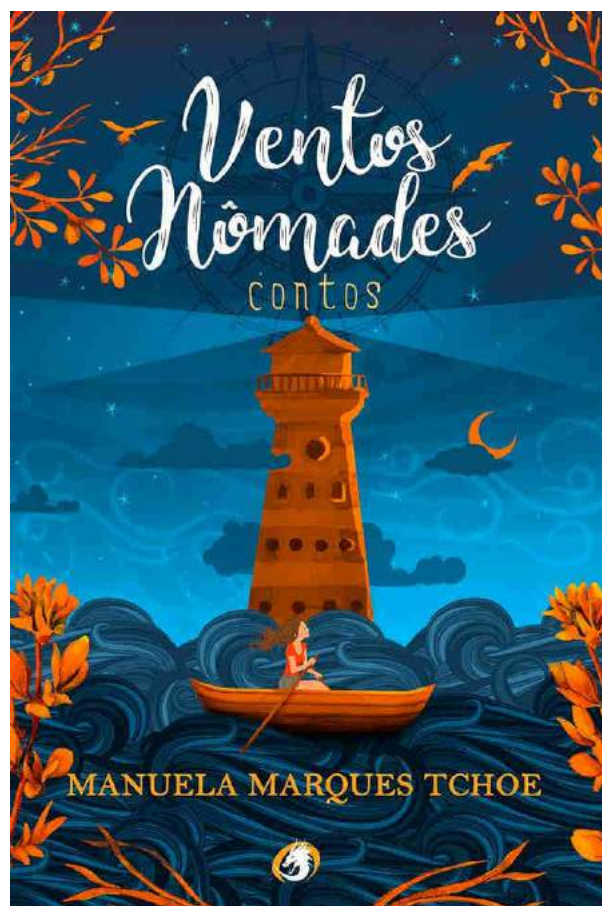
trabalho em marketing há muito tempo então escrever sempre foi algo que pertenceu à minha vida, mas só depois de ter meu filho, com os meus trinta e três anos, que eu comecei a levar a escrita à sério. Foi uma guinada e tanto, mas descobri que esse é o meu caminho.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Ventos Nômades”. Poderia comentar?

Manuela Marques Tchoe: Ventos Nômades tem como tema explorar o mundo, viver num lugar diferente, sentir culturas distintas. Eu exploro esse conflito entre a curiosidade de ver o novo, o exótico, mas de eventualmente desejar voltar para casa, que é algo vivido por mim nos últimos treze anos, desde que saí do Brasil. Cada conto tem a sua própria forma de mostrar esse sentimento de constante mudança. Alguns contos exploram o amor de pessoas de culturas diferentes e os conflitos que essas diferenças geram. Outros falam sobre redescobertas pessoais, choque cultural e por que agarrar a vida com todas as forças. O pano de fundo do livro são lugares diversos, mas é a jornada humana de jogar-se no mundo que procuro mostrar em Ventos Nômades.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Manuela Marques Tchoe: O livro em si foi escrito em cerca de seis



meses, mas eu demorei para pesquisar e me lembrar de certas situações que pudessem ser utilizadas. Como algumas viagens eu havia feito há muito tempo, como Egito, Índia e Turquia, eu tive que pesquisar mais sobre os lugares para resgatar certas memórias. No total, o livro ficou pronto em aproximadamente oito ou nove meses. Depois foi a parte mais difícil, que é revisar, procurar editora, etc., enfim, fazer o livro ficar pronto de fato.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Manuela Marques Tchoe: Um dos contos que mais teve repercussão foi “Quando me deixei levar pelo abraço do mar”, que conta a história de uma americana à beira da morte que não se conforma em terminar seus dias numa cama de hospital. O mundo a espera de braços abertos e ela vai parar em Creta, na Grécia. Desse conto, acredito ser esse um trecho muito especial: “A única coisa que ainda me fazia seguir adiante, além da morfina, era a expectativa de me despedir da vida vivendo-a.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre o seu trabalho?

Manuela Marques Tchoe: O livro está disponível como impresso no site da Editora PenDragon assim como na Amazon Brasil e outras livrarias virtuais como Submarino, Lojas Americanas, etc. O e-book está disponível em todas as plataformas digitais como Amazon, iBooks, Kobo, dentre outras.

Para quem está no exterior, o livro está como paperback na Amazon EUA, Alemanha,

França, Reino Unido, dentre outros países.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Manuela Marques Tchoe: Sim, estou fazendo os últimos ajustes num romance chamado Encontro de Marés e que está no momento disponível no Wattpad. É um romance que toca a questão de diferenças culturais assim como Ventos Nômades, mas também apresenta aspectos sociais do Brasil. O feedback inicial tem sido bastante positivo, e espero publicá-lo no ano que vem.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Ilha, de Victoria Hislop

Um (a) autor (a): Leticia Wierzchowski

Um ator ou atriz: Marion Cotillard

Um filme: Bach no Brasil

Um dia especial: muitos!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Manuela Marques Tchoe: À Revista, obrigada pela oportunidade. Aos queridos

leitores, às vezes é preciso se perder para se encontrar. Viajar, entregar-se ao mundo sem grandes amarras, seguir um caminho e descobrir algo inesperado é, eventualmente, transformar perdas em achados.

É isso que eu exploro em nesse livro de contos e que continuarei explorando nas minhas próximas obras.

Desejo a todos uma linda viagem nas páginas de Ventos Nômades!

Visite: <https://www.lojapendragon.com.br/contos/livro-ventos-nomades>

ROGÉRIO LIMA GOULART

**Autor do livro
"As Borboletas no Muro
do Cemitério"**

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



ROGÉRIO LIMA GOULART escritor e jornalista, fundador do "Jornal de Rio Pardo", na sua cidade, dedicou-se a escrever intensamente nos últimos anos. Seus primeiros livros publicados transcorrem em cenários voltados para temas locais. Recentemente se aventurou a explorar o universo infantojuvenil, o que resultou no livro "As borboletas no muro do cemitério" o primeiro publicado pela editora **SROMERO** com lançamento nacional e com uma edição em inglês com lançamento previsto para dezembro. Com menos de 20% da visão, Rogério mostra que a superação faz parte da sua história e o amor do escritor pela cidade e pela literatura seguem inspirando e ganhando espaço no coração dos leitores que apreciam histórias inspiradoras.

ENTREVISTA:

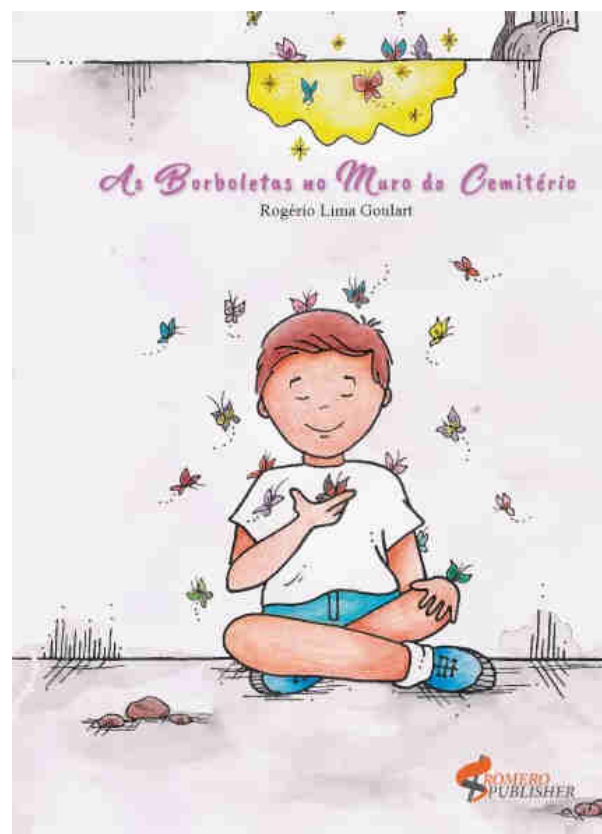
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Rogério Lima Goulart: Sou alguém que a vida inteira fez do ato de escrever sua razão principal, seja como jornalista ou

mesmo como escritor. Minha infância foi em meio aos livros, meu pai era um leitor insaciável e com ele peguei gosto pela leitura. A inspiração para escrever flui em minha mente de forma natural e meus livros são escritos em fluxo direto, saem praticamente prontos. Esta convivência permanente com meu mundo interior, que muitas vezes me angustia é também o que me faz produzir cada vez mais, me sinto na responsabilidade de produzir perante tanta fluidez e fertilidade de ideias. E nessa nova fase que experimento, estou também mais exigente e crítico com minha escrita.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “As Borboletas no Muro do Cemitério”. Poderia comentar?

Rogério Lima Goulart: Este livro é uma narrativa sobre a história de um menino que estudava num prédio antigo e histórico de sua cidade, próximo onde existe um cemitério, hoje em ruína com um muro, onde tudo aconteceu. O menino que encontra e fica admirado com as borboletas passa a interagir de uma forma incrível e desenvolve uma forma de comunicar-se com elas. O



livro possui uma linguagem leve e acessível, ao mesmo tempo questiona e faz uma reflexão sobre os valores da vida, a fragilidade de cada um e o respeito ao próximo. Poderia pensar que esta história é um resgate do menino que habita em cada um de nós, nosso olhar gentil e curioso que às vezes se perde no universo de responsabilidades que a fase adulta nos impõe.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Rogério Lima Goulart: Busquei informações técnicas sobre os

hábitos das borboletas. O restante já estava pronto dentro de minha cabeça, fruto de um sonho que desde a noite em que ele me tomou, passei a escrever até concluir. Foram menos de três meses até a conclusão. Depois o trabalho de adaptar a linguagem e fazer com que a história pudesse ser interessante não apenas para os moradores locais, mas que tivesse mensagens que pudessem ser lidas e entendidas por todos que lessem, e esse foi um grande desafio, pois durante todos esses anos eu escrevia com o enfoque local, foi uma aventura conseguir tirar algumas questões peculiares e características da cidade. Meu texto é de uma escrita simples e afetuosa, são as minhas memórias de menino que se revelam através dessa história.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Rogério Lima Goulart: Creio que as reflexões que o garoto faz em relação ao respeito pelo animais, ao meio ambiente e sobre tudo. A forma como ele decide aceitar e cumprir com as orientações de sua professora para atingir os seus objetivos como aluno.

Acredito que este comportamento poderá sugerir uma influência positiva aos leitores, sejam eles crianças ou adultos.

Sobre a dedicação e empenho para atingir os objetivos de vida. Eu me preocupo em deixar através de meus livros uma mensagem otimista, contribuir de alguma forma com uma reflexão sobre essas questões tão atuais, especialmente para o público jovem.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Rogério Lima Goulart: O livro esta à disposição através do site da www.amazon.com.br

website da editora www.sromeropublisher.com

Fanpage:

www.facebook.com/sromeropublisher

Eu mantenho uma página sobre o livro e com curiosidades: <https://www.facebook.com/asborboletasnomurodocemiterio>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Conexão Literatura: Estou me preparando para uma jornada diferente, como roda de leituras nas escolas, contação de história e outras ações geradas pelo livro *As borboletas no muro do cemitério*. Também estou iniciando a escrever sobre temas fora da realidade local de minha cidade. Tenho vários projetos neste sentido e alguns já bem avançados para finalização. Estou trabalhando também em um novo projeto em um cenário de distopia, que também foi uma história gerada por um sonho. Meu próximo semestre promete ser de muita dedicação e trabalho.

Perguntas rápidas:

Um livro: "A Metamorfose",
Franz Kafka

Um (a) autor (a): Victor Hugo

Um ator ou atriz: Fernanda
Montenegro

Um filme: "E o Vento Levou"

Um dia especial: todos os dias em que você consegue sorrir, ser sincero e distribuir amor às pessoas, sejam quais forem.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Rogério Lima Goulart: Precisamos estar sempre abertos e receptivos para as oportunidades, trabalhar arduamente para melhorar a qualidade do que escrevemos. Este ano está sendo muito importante para minha carreira de escritor, com essa minha primeira publicação através de editora com distribuição internacional, e também com o convite para ser patrono da 30ª Feira do Livro de minha cidade no próximo mês de outubro. São sonhos que aos poucos vão se tornando realidade e isso me estimula a seguir minha jornada, e não deixar de sonhar.

VINNI CORRÊA

Autor do livro "Sexo a Três"

Por Ademir Pascale
ademirpascale@gmail.com



Vinni Corrêa é poeta, pesquisador sobre erotismo, pós-graduando em psicanálise e especialista em comunicação. Possui três livros de poesia erótica publicados: Coma de 4 (2012), Literatura de Bordel (2015) e Lunch Box (2015). Em setembro de 2018 lançará seu quarto livro, "Sexo a Três". Publicou também em revistas literárias e foi premiado em alguns concursos.

Criou em 2012 a Fresta Literária – sarrau de poesia erótica. O evento já foi tema do programa Penetra, do Canal Sexy Hot, e do documentário "Sex in The World's Cities" para o canal a cabo francês Paris Première.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

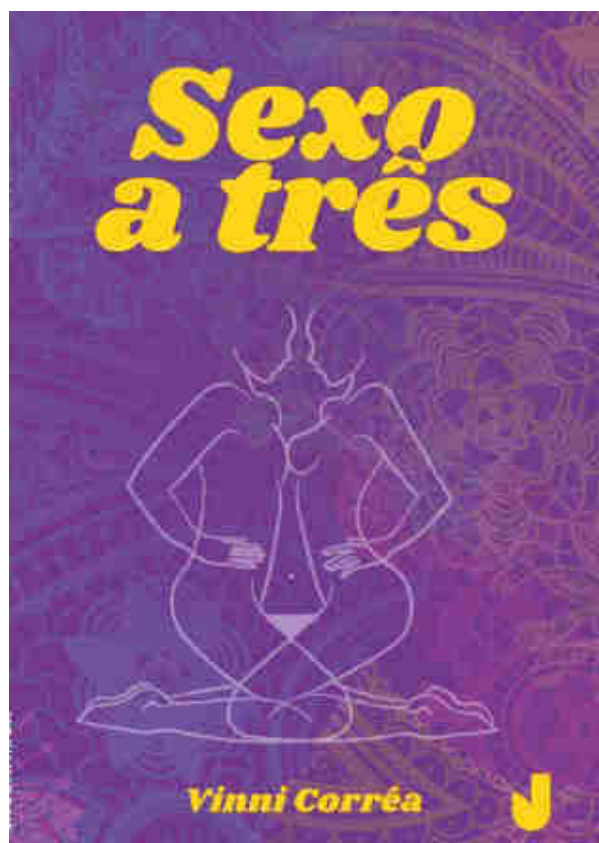
Vinni Corrêa: Iniciou quando eu ainda era jovem e com o desejo de ter uma banda de rock.

Apesar de gostar do estilo, não achava as letras interessantes. Comecei a compor letras para a banda – que nunca existiu – com uma pegada poética. Daí fui lendo cada vez mais e comecei a aprimorar minha escrita. Nessa busca por novos autores e estilos,

tive contato com a literatura erótica de Sade, Bocage, Aretino, Hilda Hilst e dos surrealistas, que sempre tiveram influência sobre o meu trabalho.

Conexão Literatura: Você é autor do livro de poesia erótica “Sexo a três”. Poderia comentar?

Vinni Corrêa: Três é o número do universo, é elemento fundamental, pois representa a decidibilidade, o que nos tira do estacionário e nos coloca em movimento. Pensamos apenas de forma bífida: bem/mal, belo/feio, vida/morte... Três é transcender essa formação. É o corpo, o sentimento e a plenitude no sagrado. É a terceira margem do rio de Guimarães Rosa. São três livros em um: a trilogia! São, portanto, haicais ou simplesmente poemas de três versos, um em cima do outro, escritos a três mãos: a esquerda, a direita e a boba. São poemas capazes de fazer os três tristes tigres gozarem de tanta felicidade, os três porquinhos armarem a barraca para o lobo e Teresinha de Jesus ficar no chão com os três cavalheiros. É um espaço onde não há lugar para tabus e preconceitos. É a poética em sua essência. Como disse Octavio Paz: o erotismo é



metáfora da sexualidade, a poesia, erotização da linguagem.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Vinni Corrêa: Minha pesquisa engloba várias ferramentas, desde a leitura insistente nos mais variados estilos literários e a contemplação de obras artísticas na pintura, no cinema, no teatro etc. até o hábito de absorver a cultura pop na televisão e na internet e observando a humanidade em suas práticas, além de conversas em bares e nas ruas. Não tenho um tempo preciso de quanto

durou fazer o livro pois é um trabalho não apenas de colocar palavras no papel, mas, também, de compreensão do que é o sexo na sociedade.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Vinni Corrêa:

a casa-lar

suas arqui tetas
desenham a morada
onde ponho mãos à obra

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre o seu trabalho?

Vinni Corrêa: Ele pode adquirir pela loja do site da Editora Jaguatirica ou entrar em contato diretamente comigo no instagram @poetavinnicorrea que eu informo a melhor forma de conseguir o livro.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Vinni Corrêa: Muitos! Estou trabalhando em uma antologia da arte obscena. Já captei

diversos artistas dentre famosos e iniciantes. Agora está em fase de diagramação. Também tenho outros dois livros de poesia erótica ainda em fase de finalização conceitual, dois livros de poesia não especificamente erótica, um livro de contos absurdos que venho trabalhando há uns 6 anos e um romance que ainda está em fase de pesquisa já há pelo menos 10 anos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Pequenos Poemas em Prosa, de Baudelaire

Um (a) autor (a): Fernando Pessoa

Um ator ou atriz: Barbra Streisand

Um filme: Pulp Fiction

Um dia especial: Dia 6/9

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Vinni Corrêa: Devorem conhecimento, seja em livros, em exposições, assistindo TV e cinema, conversando em bar, devorem conhecimento. Especialmente quem quer ser escritor. Uma boa escrita só se desenvolve com muita leitura, mas também com muito conhecimento acerca dos outros.

Trabalhem a desconstrução da autocensura.



Visite: <http://www.vinnicorrea.com>



Traveling Between Pages

www.travelingbetweenpages.com.br

Para os apaixonados por livros e entretenimento.

 /travelingbp  /travelingbetweenpages  /TravelingBP



www.livreando.com.br

Um blog sobre nossa maior paixão: Livros!

 /bloglivreando  /bloglivreando  /BlogLivreando



por Idianara Lira Navarro

A Tempestade

E chovia. Incessantemente. Densas gotas d'água debruçavam-se pela janela e escorriam pelas calhas inundando o pequeno jardim. O bailar da chuva parecia uma fuga desenfreada açoitada pelo forte vento e pelos inúmeros trovões, resultando assim em uma imensa tempestade. As folhas e flores inclinavam-se ante o peso da chuva, pareciam unir-se em uma inútil tentativa de esconder-se da agressividade da natureza que fustigava lhes

incansavelmente. Era um espetáculo sem igual.

Ela abriu a porta do pequeno sobrado de janelas azuis e paredes amareladas pela passagem dos anos. Descalça, atravessou o batente da porta, olhou o céu no exato instante em que um clarão cortou as nuvens e iluminou-lhe a face, sendo possível vislumbrar um discreto sorriso de prazer e pesar em seus lábios. Sentia a chuva escorrer por cada centímetro de seu corpo. Usava um vestido

elegante feito de um tecido tão fino, que este logo se encharcara e pendia totalmente molhado criando pequenas poças d'água ao seu redor. Parecia uma espécie de segunda pele e por baixo de seu delicado tecido, era possível vislumbrar os arrepios que lhe percorriam todo o corpo.

Andou calmamente até o portão, parou e de costas para a rua olhou para o sobrado que outrora tantas alegrias lhe trouxera. Quantos doces momentos ali vivera? Quantas felicidades ali partilhara? Quantas lindas descobertas ali fizera? Quantas festas e comemorações aquelas paredes haviam vivenciado? Agora tudo se fora. Apenas as lembranças restavam. Mas quais lembranças? As dela ou as dele? Ainda era difícil aceitar que a roda da vida se desprendera de forma tão brusca de seu eixo e os lançara ao vácuo da inexistência física.

Tudo acontecera muito rápido, a chuva, o brilho dos faróis, o som de seus próprios gritos, a água e depois o silêncio. Este fora aterrador. Exatamente quando o barulho se ausentara que ela percebera o fim se aproximando. Por alguns instantes enquanto o carro se projetava lentamente

para o fundo do rio, seu marido ainda tentara de todas as formas soltar o cinto que a prendia ao veículo porém, apesar de sua alma tal qual um pássaro ferido ainda lutar para manter-se presa aquele corpo, ela sabia que era inútil travar tal batalha, pois sentia que sua vida estava abandonando-a.

Assim, com muito esforço perante a pressão do rio sobre seu corpo, ela ergueu a mão e tocou os dedos do marido. Lançou lhe um olhar resolutivo que ele prontamente compreendeu.

Era o fim. Se não estivessem cercados de água, de certo veríamos as lágrimas que teimavam em fugir de seus olhos e com certeza abraçar-se-iam se possível fosse. Porém o tempo que lhes restava era muito pouco comparado ao que suas almas almejavam para uma despedida adequada. Pouco a pouco o rio ia lhes consumindo e ao perceberem que nada poderiam fazer contra o triste fim que lhes aguardavam, tristemente sorriram, fitaram-se nos olhos e balbuciaram lentamente “eu te amo”. Ela então pensou antes de fechar os olhos: “até que a morte nos separe”.

Não obstante, ela percebera que nem a morte os separara, pois em todos os momentos a saudade a consumia enquanto ela velava por ele no hospital, torcendo por uma recuperação que nunca viria uma vez que ele definhava a olhos vistos. Certo dia ela sentiu que chegara o momento de voltar para casa e então compreendeu: ficariam juntos novamente! Ainda parada junto ao portão e olhando para o sobrado, de repente ela sentiu uma mão enlaçando sua cintura.

Virou-se e então seus olhos novamente se encontraram. Imediatamente ela jogou-se em seus braços para finalmente dar-lhe o beijo pelo qual tanto o aguardara. Lembrou-se que certa vez ouviu alguém dizer que a saudade é o amor que fica, assim para ela não seria possível prosseguir e abandoná-lo estando com a alma repleta de saudade. Iria esperá-lo o tempo necessário para que juntos matassem a saudade e renascessem no amor.

Idianara Lira Navarro, nasceu em Pernambuco no ano de 1983. A paixão pelo universo dos livros a conduziu a Livraria Laselva, onde trabalhou por mais de cinco anos. Em 2010, se licenciou em Letras/Inglês pela Universidade de Santo Amaro/SP.

No ano seguinte, criou o blog Encanto Literário, com o intuito de compartilhar seu amor pelos livros e divulgar textos de sua autoria. Em 2012 e 2013, revisou o Anuário Anepac. No período de maio de 2018 a novembro de 2016, atuou como escritora voluntária no site da rádio Educativa FM 105,9 (Piracicaba/SP). Este ano, colaborou com a revisão da Antologia Sonhos Literários, na qual também consta um poema de sua autoria. Desde julho de 2018, é colunista voluntária do site da Revista Conexão Literatura e desde 2010, atua como secretária em uma associação do terceiro setor.



Nevoeiro

por Miriam Santiago

Um barco à deriva, a costa encoberta e o nevoeiro. “Bip”, “bip” e “bip”.

Um grito ecoando no nada, um barco perdido no nevoeiro. “Bip”, “bip” e “bip”.

Esse barulho infernal me acordou! Não consigo distinguir que som é esse, mas é alto e entrou direto em meus ouvidos!

Tudo cessou. Nada de som nem de bip, nenhum ruído. Sinto calma e escuridão. É como se minhas forças estivessem

terminando numa sensação de leveza do corpo e a cabeça também leve de culpas, pesadelos e pensamentos. Mas algo interrompeu este processo, é como se uma manivela girasse uma imensa roda, sons alternados, imagens em *flashes* desconexas aparecendo e desaparecendo e um imenso clarão! ...

Pera aí! Como vim parar aqui? ...

Segunda-feira, 20 de agosto de 2018, e o denso nevoeiro deixa boa parte da costa litorânea da Baixada Santista encoberta. A solicitação é de que barcos, balsas e navios mantenham-se atracados enquanto a névoa estiver prejudicando a visibilidade. E assim permaneceu boa parte da manhã atrasando funcionários que dependem de barcas e balsas para atravessar o canal que liga Santos a Guarujá, municípios do litoral de São Paulo.

E mesmo com toda essa precaução, o biólogo marinho Hermann Gerber, 27 anos, solteiro ignorou e resolveu colocar o pequeno barco n'água e partir para sua pesquisa na Laje de Santos. — Para situar o leitor, a Laje é uma ilha localizada em frente à cidade de Santos, fazendo parte do Parque Estadual Marinho da Laje de Santos (PEMLS), criado em 27/09/1993, através do Decreto Estadual nº 37.537. O PEMLS é o primeiro parque marinho dentre as Unidades de Conservação do Estado de São Paulo e tem como objetivo a proteção do ambiente marinho. — E Hermann, apaixonado pelo lugar, realiza constantes pesquisas para a Fundação Florestal, órgão da Secretaria do

Meio Ambiente do Estado o qual é funcionário.

Mas era um dia em que nada disso importava, pois a segurança ainda prevalece em qualquer área de atuação do ser humano.

Ignorando a preservação de sua própria vida, o biólogo pegou seu pequeno barco a motor e partiu para a Laje.

Quando caiu em si estava sozinho no meio do canal, era como se estivesse num vácuo onde nada se enxergava e quase nada se ouvia, nem gaivotas, apenas o barulho do motor “cortando” a água do mar. O frio do medo estalou desde a primeira vértebra até a última de sua coluna terminando num tremor que o chacoalhou por inteiro e quando se deu conta, não conseguia mais enxergar seu rumo.

Engolindo em seco Hermann tirou uma bússola dos pertences e o mar revoltado sacudiu o barco e a fez cair de suas mãos. E essa situação ficou mais frequente fazendo a proa subir e bater com força no mar. Até Hermann ouvir um apito curto e depois prolongado que o fez entender um navio se aproximando, o que não deveria acontecer devido a pouca visibilidade, mas o navio, assim como ele, prudentemente,

não poderia estar ali naquele momento.

Ao avistar o barco de Hermann o navio começou a apitar e a tocar o sino com frequência, pois em breve, o pequeno barco seria sugado colidindo com o navio.

— Meu Deus me ajude! — Gritou o jovem biólogo em desespero tentando tirar da reta seu barco. Sem enxergar a distância ele tentou desviar mesmo com probabilidade de bater num rochedo.

Pelejando contra a corrente em desespero o navio se aproximava de seu barco. E vinha rápido. Os apitos enlouqueciam a alma, torturando-a numa disputa de sobrevivência, numa luta em que o maior e mais forte sempre vence, ou quase sempre!

Suando, chorando e gritando ajuda ao Divino Hermann viu o navio chegar. Num piscar de olhos o barco foi sugado batendo lateralmente no navio. Destroçado ele sentiu sua cabeça bater forte no casco, que o fez desmaiar. A enorme onda ocasionada pela colisão, por sorte, o arremessou para longe, ficando Hermann preso entre dois rochedos. E o navio seguiu em frente. Os marinheiros e o capitão avisaram a polícia costeira pelo rádio.

Depois de algumas horas, quando a névoa já se dissipava a polícia conseguiu avistar Hermann e partiu para o resgate. O jovem estava muito machucado. Com a cabeça ensanguentada o biólogo desacordado encontrava-se com roupas rasgadas, uma das pernas com um corte de cima embaixo e os braços com várias escoriações. O grupo de resgate ficou boquiaberto como ele ainda poderia estar vivo depois do que aconteceu...

E, de repente, Gerber dá um suspiro e o corpo se ergue na cama. Com os olhos esbugalhados e a máquina apitando alto, o jovem consegue sair do coma.

Foram dez dias de sofrimento para a família que não aceitava aquele quadro gravíssimo em que se encontrava Hermann.

Aos poucos a memória foi voltando e a lembrança da vida no Rio Grande do Sul com a família descendente de alemães do contato com os primos e amigos e a vinda para São Paulo, da conquista da faculdade federal em Campinas e do emprego na secretaria que ele tanto lutou para conseguir foram aparecendo em sua mente.

Já com alta médica e restabelecido novamente Hermann foi aos poucos retornando à sua normalidade. Ele agradeceu a todos que estiveram com ele nos piores

momentos de sua vida e especialmente pela segunda chance de vida, pois poucos conseguem retornar após brutal acidente em que a alma fica dividida entre o Céu e a Terra.



Míriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>.
mirianssantos@gmail.com.

Contato:

por Roberto Schima

A Floresta das Almas Perdidas

"Às vezes, luz demais ofusca nossos olhos. Necessitamos da penumbra para enxergar mais longe..."

(Provérbio de Ooqueah, avô de Nanook)

No Noroeste do Canadá, na fronteira do Círculo Ártico, em um vale próximo ao Alasca, existia uma floresta lúgubre imersa no mistério. Era diferente de todas as florestas boreais dos arredores, geralmente constituídas por pinheiros, espruces, bétulas e abetos. As

árvores dessa floresta eram relativamente baixas, troncos e galhos escamosos e retorcidos como se suportassem a custo o peso do céu. Longas mechas de barbas-de-velho penduravam-se nelas e tremulavam sob a gélida brisa que, vez ou outra, soprava. Uma atmosfera sinistra permeava o lugar, realçada por

um nevoeiro cinzento a encobrir tudo, tão denso que, até durante os curtos dias de Verão, dava-se a impressão de se estar em um perpétuo crepúsculo o qual jamais conhecera o alvorecer.

Os mais velhos inuit contavam que nem sempre fora assim. Segundo as tradições orais, cochichadas de uma geração a outra, na região, havia uma floresta como as outras, morada e local de caça de diferentes tribos que vinham se aventurar atrás de alces, lebres, caribus, castores e até ursos. O Espírito da Lua olhava para aquele pedaço de chão. Podia-se ouvir os guinchos das corujas-das-neves e a luta dos bisões nas épocas de acasalamento. O vento era vigoroso, oriundo das Planícies Brancas no extremo norte, e inspirá-lo fazia encher de vida o corpo e a alma, trazendo uma alegria imensa por estar ali, naquele momento, naquele lugar.

— E o que aconteceu? — perguntou a jovem para o rapaz corpulento ao seu lado.

Ela se chamava May. Era uma moça miúda, ruiva e de rosto sardento. Descendia de uma linhagem de nobres falidos de Provence, sudeste da França, imigrada para o Canadá após a derrocada de Napoleão. Nascera em maio, em plena primavera, daí o seu nome dado pelo pai, o velho Barão de La Croix, cujo maior sonho era vê-la ser desposada por alguém de uma família tradicional e de posses, como a dele um dia fora, e voltar a ostentar com orgulho o seu corroído brasão sobre a lareira.

Nanook, por sua vez, possuía o sangue inuit nas veias. Seus ancestrais cruzaram o Estreito de Bering havia mais de quinze mil anos, no final da última Era Glacial. Uma história de muita luta e sobrevivência. E ele, ao contrário da visão dos europeus em relação ao seu povo, sentia um orgulho enorme por isso e por suas tradições. Contava-se até que um parente distante acompanhara o explorador Robert Peary e Matthew Henson ao topo do mundo. O apelido Nanook foralhe dado pelos pais. Diziam ser ele desde garoto grande e forte

feito um urso polar, o Grande Espírito do Norte, guardião das geleiras e das banquisas. Pendurado no pescoço por um cordão de couro de foca, trazia sempre um talismã de presa de morsa. Fora entalhado pelo seu avô paterno, Ooqueah, quando ele estava prestes a nascer a fim de que as divindades o protegessem e fosse um bom caçador. Seu contorno lembrava o de uma baleia beluga.

— Meu pai falava que o pai de seu pai, certa feita, saíra de seu igloo. Sentira o soprar do vento de Sila vindo de longe, a trazer o odor da Longa Noite que se aproximava. Pusera-se, então, a observar as Luzes do Norte. Pelo que entendi, ele queria observar as almas dos mortos — anirniit — fazerem sua longa peregrinação para a Terra da Lua, uma espécie de paraíso, creio, a qual chamavam Quidlivun.

— Quidlivun... — repetiu May para tentar guardar na memória. Ela era pequenina ao lado de Nanook, como um guaxinim, conforme ele comparara um dia. Em criança,

frequentaram a mesma escola cristã e ele a defendia quando outras crianças punham-se a zombar das sardas dela. Desde então, tornaram-se próximos. Muito mais do que o Barão de La Croix gostaria. — Quidlivun.

— Isso. Era quando os mortos se despediam de sua amada terra em direção a uma outra jornada, quem sabe, junto àqueles que um dia se foram e cujos espíritos vagavam no compasso iridescente daquelas luzes...

— "Iridescente"? Está falando difícil...

— Te impressionei?

— Claro, seu panda! — respondeu, dando-lhe uma cotovelada amistosa.

— Decorei ontem para me exibir — riu. E continuou: — Ah, e o espírito dos animais também, pois todos os animais possuem uma alma. Eles não são caçados, mas deixam-se caçar a pedido de sua mãe, Nuliajuk ou Sedna.

— Nuli... Nulia...

— Nuliajuk.

— Nuliajuk — repetiu May lentamente. — Nuliajuk!

O rosto largo de Nanook abriu-se num sorriso.

— Talvez seja mais fácil você memorizar Sedna...

— Seu tonto! — E outra cotovelada.

Nanook ficou sério, seu timbre de voz tornou-se reverente, quase temeroso.

— Nuliajuk é o Espírito do Mar em forma de mulher e de cujos dedos as focas se originaram. Como eu falei, os animais deixam-se apanhar para que nós não pereçamos de fome. Às vezes, Nuliajuk pode ser cruel; outras, benevolente. Por isso, um caçador sempre pede perdão a sua presa e, também, agradece-a pelo seu sacrifício. E faz de tudo para não incorrer na ira dos espíritos.

— Acredita nisso? — perguntou May.

Nanook desviou seu olhar dos olhos dela e voltou-se para o céu. Estava límpido, quase sem nuvens, exceto pelos cirros pincelados bem longe, lá no alto. Inspirou o odor da neve. Relembrou as aulas dos padres e as lições dos xamãs. Disse baixinho:

— Digamos que eu não desacredito.

— Mas você é cristão!

Nanook sorriu e, sem se dar conta, levou a mão direita até a beluga de marfim.

— E sou inuk — respondeu, referindo-se ao singular de inuit, como se isso explicasse tudo. — Mas onde eu estava? Ah, sim... A Longa Noite chegaria em breve, límpida feito o interior de uma enorme taça de cristal e as Luzes do Norte tremulavam no firmamento, naquela majestade silenciosa que tanto inspirava temor quanto admiração, mas, principalmente, respeito. Sempre o respeito, pequena guaxinim.

— As auroras boreais são lindas!

Nanook concordou num aceno de cabeça.

"Mais do que lindas."

Sim, somente quem nunca as observara poderia reduzi-las a um feixe de vento solar aprisionado pelo campo magnético da Terra. Havia magnificência, grandiosidade, um espírito sagrado naquelas luzes tremeluzentes, muitos espíritos, e ele, Nanook, que

crescera ouvindo diversas histórias sobre elas, era impregnado por um sentimento de deferência e admiração. Seus cabelos longos e negros balançaram suavemente no ar frio da manhã. E ele prosseguiu:

— Naquela noite, subitamente, uma grande bola de fogo surgiu do nada e foi crescendo e crescendo a medida em que cruzava o céu, até chocar-se no vale aos pés das montanhas. — Apontou.

— Meteorito?

O rapaz deu de ombros.

— É o que diriam os cientistas. Contudo... o que sabem eles? Meu ancestral chamou de tuurngaq, um espírito maligno que fez a terra tremer, o vento soprar de um jeito ruim — fedor, eu suponho — e matar tudo o que havia naquela área: alces, corujas, lebres, corvos, gente... As árvores foram totalmente destruídas, derrubadas como palitos caídos, despidos de suas folhas e galhos, divergindo do ponto de impacto como as pétalas de uma flor.

Os olhos de May iluminaram-se.

— Que nem aconteceu em Tunguska?

Nanook ficou intrigado.

— Conhece essa história?

May confirmou.

— O garoto russo, Oleg, contou sobre isso na escola, não se recorda?

— Mais ou menos. Oleg... Faz muito tempo. Bem, sim, foi exatamente como em Tunguska. Mas, diferentemente da Sibéria, a partir de então, as lebres sumiram, os ursos deixaram de urrar, as corujas-das-neves voaram para outras paragens, o uivo dos lobos calou-se para sempre. Sequer uma raposa restou.

— Que dó!

— Sim. As criaturas nativas já viviam uma luta incessante pela sobrevivência. Sua impiedosa rotina, por si só, era um épico. Todas desapareceram. As árvores que brotaram a partir daí eram diferentes: feias, retorcidas, torturadas, dominadas por esses espíritos malignos. Até a atmosfera tornara-se diferente, tenebrosa, não deixando mais atravessar os

feixes de luz em leques de arco-íris... Iridescente. A floresta do vale já fora alegre, encantada, e até a algazarra de pássaros podia ser ouvida. Depois da queda da bola de fogo, tudo mudou. Tudo se calou feito uma mortalha.

Nanook observou o pequeno corpo de May estremecer.

— Você está bem?

— Estou. Só um pouco nervosa com essa história.

— Eu posso parar...

— Não! — protestou, voz estridente. — Posso ter um medinho, mas não quero deixar de ouvir.

— Sei o que quer dizer. Apesar de tudo, eu também desejava saber mais.

— E eu gosto do seu jeito de falar, Nanook. Parece que estou presente lá. Eu vejo tudo acontecer diante dos meus olhos!

Ele sorriu e os cabelos negros e luzidios pareceram brilhar ainda mais, tanto quanto os seus olhos ao fitar o rosto pequenino da jovem May.

E Nanook continuou:

— Como falei, a maioria dos animais morreu ou fugiu

para sempre. Os que sobreviveram jamais retornaram. Até as aves migratórias como as andorinhas-do-mar passaram a desviar seu trajeto sobre o vale. Então, o silêncio caiu pesado naquele lugar — fez o gesto com as mãos, como se algo baixasse —, tão denso quanto o nevoeiro que se formara, surgido não se sabe de onde, brotado da terra ou daquilo que viera do céu. As primeiras pessoas a se aventuraram no vale pouco depois da queda, retornaram confusas e amedrontadas sem saber explicar ao certo o porquê. Diziam perder a noção de tempo, de direção e, inclusive, da própria identidade.

Afirmavam ver formas estranhas no nevoeiro, sombras diferentes, contornos difusos vindo e indo. Ouviram rumores, rosnados. Alguns sentiram um toque gelado e úmido no rosto, diferente do roçar em um galho ou da mão de outra pessoa.

— Estou novamente tendo arrepios!

— Eu também tive quando ouvi da primeira vez em criança.

— E vai me convencer que o ursinho panda não sente medo agora?

Nanook não respondeu. Seu olhar perdeu-se adiante, em direção à floresta. Em vez de confessar seus temores, preferiu continuar a recordar as velhas histórias ouvidas por um garotinho assustado sob as cobertas de pele de urso muitos anos atrás... Ainda bem que, agora, era dia claro!

— Contavam que algumas pessoas enlouqueceram. Os xamãs — angakuit — disseram que, ali, tornara-se um mau lugar a ser evitado, pois os tuurngait tinham feito a sua morada. Não havia cânticos mágicos, máscaras ou amuletos o suficiente para enfrentá-los. Ainda assim, alguns dirigiram-se até lá como prova de coragem, um rito de passagem... Tolos! Vários jamais retornaram. Os que voltavam diziam haver encontrado roupas e armas espalhadas pelo solo, mas sem sinal dos corpos. Então, os anos passaram e brotou aquela floresta de árvores tortas e folhagem escura em meio ao nevoeiro. Não demorou muito a

alguém batizá-la de A Floresta das Almas Perdidas.

— Não veio nenhum geólogo ou astrônomo averiguar? — perguntou May.

O inuk voltou a sorrir. Disse:

— Veio um cientista. Acreditou nos relatos mais do que muita gente: anotou tudo num papel, deu meia-volta e foi embora!

— Não foi até lá na floresta?

Nanook fez que não com a cabeça.

A moça ruiva não se conformou.

— Que diacho de cientista era esse?

— Sensato, pequena guaxinim, um cientista sensato.

A Floresta das Almas Perdidas...

May e Nanook estavam sentados em um velho tronco caído. Desde que se entendiam por gente, aquela árvore estava ali tombada. Tornara-se uma espécie de canto favorito para os dois conversarem. Cada qual

usava a sua parka forrada de pele e trajas de couro.

A floresta amaldiçoada encontrava-se a alguns quilômetros do povoado em que viviam, e podiam vê-la dali onde estavam, através das coníferas. Ou mais ou menos, por causa da névoa que entremeava a região em seus diferentes matizes. Um nevoeiro que somente ali havia feito morada. Sequer as nevascas conseguiam afugentá-lo.

Apesar do agasalho, May abraçou-se como se um vento gelado, subitamente, tivesse aparecido da vastidão das Planícies Brancas. Era uma história triste e, ao mesmo tempo, fascinante — de um jeito terrível, porém, terrivelmente fascinante, por assim dizer —, tão diferente das deprimentes histórias de feiticeiros, as torturas e a queima de bruxas na velha Europa que sua família, às vezes, narrava nas noites mais frias, quando a luz elétrica falhava e o fogo da lareira ou das lamparinas de óleo de baleia produziam sombras dançantes no interior da sala.

A lembrança a fez melancólica. Tentou recordar-se desse tempo de criança e da última vez em que presenciara o seu pai sorrir. Ah, isso fora antigamente, quando a situação econômica deles ainda não se havia deteriorado e o fantasma da ruína não os assombrava.

Suspirou. Sua respiração condensou-se imediatamente numa névoa branca.

As lendas do Norte possuíam uma limpidez e uma grandiosidade inerentes à vastidão do Ártico.

E Nanook as narrava de uma maneira apaixonada e poética, a qual sempre prendera a sua atenção.

— Angakuit — murmurou May, pronunciando corretamente. — Angakuit.

Vendo os olhos da moça tornarem-se tristes, impulsivamente, Nanook a abraçou.

Nesse instante, por uma dessas piadas que, vez ou outra, o destino costumava pregar — senão um dos antigos maus espíritos —, surgiu o velho Barão de La Croix.

— O que pensa que está fazendo, seu índio fedorento? — vociferou o homem de barba grisalha, tão corpulento quanto Nanook, mas sem a vitalidade daquele, e tão inseparável de seu rifle de caça quanto Nanook de seu amuleto de presa de morsa. Aparentava ser um idoso urso pardo devido ao seu casaco de pele. — Tire suas mãos dela!

— Pai!

— Senhor, eu não queria...

O pai de May ignorou completamente qualquer tentativa de explicação de Nanook. Apanhou o braço da filha de um jeito rude, ignorando o gemido desta, e levou-a de volta para casa.

— Vamos!

— Eu não quero!

— VAMOS!

E Nanook, o gentil "urso polar", permaneceu lá, boquiaberto, vendo o pequeno rosto de May desaparecer na distância.

A partir daí, passaram-se semanas e semanas sem que Nanook visse a antiga colega de escola, sua amiga May. A tristeza

tomou conta de seu coração. E ele procurava encontrar consolo fazendo longas caminhadas ao redor do povoado, ou auxiliando outros inuit em seus afazeres cotidianos.

Foi como se o cenário branco mais ao norte se descortinasse diante de seus olhos e os últimos raios do Sol tocasse o horizonte gelado, fazendo aproximar—se a noite cruel de vários meses. Tudo se apagou dentro dele. Sim, Nanook sentiu-se verdadeiramente um urso polar, um urso maltratado, desnutrido, pronto para a hibernação, porém, certo de que não aguentaria despertar para a próxima primavera.

E ele chorou; às escondidas, mas chorou.

— Minha guaxinim — balbuciava. — Minha pequena guaxinim...

E o medo da perda de May foi maior do que qualquer terror que a floresta maldita pudesse provocar.

Se o Barão de La Croix, descendente de nobres provençais, pretendia com isso afastar de vez os dois, ao final,

conseguira justamente o efeito contrário, pois a separação fora a centelha a acender a chama da paixão entre os jovens. A saudade da companhia um do outro fizera-os ver até que ponto necessitavam-se mutuamente, do quanto se queriam, do quanto se amavam.

— Meu ursinho panda...

May parou de comer. Seu rosto, já pálido, tornara-se sombrio, olhos encovados.

Sua mãe insistia com toda sorte de pratos, inclusive o ensopado da escura carne de foca que a menina tanto apreciava. Sem efeito. Preocupada, queixou-se vezes sem par aos ouvidos teimosos do marido.

Este, o velho Barão, acomodado em sua poltrona, olhar preso ao brasão da família, jamais daria o braço a torcer.

— Um índio? Nunca! Já andei pesquisando por pretendentes. O filho dos London é um deles.

— Jackie, o baderneiro? — falou a esposa, incrédula. — Esse brutamontes não passa de um vagabundo arruaceiro!

Sequer é de uma boa estirpe, conforme você tanto deseja.

O Barão de La Croix torceu o bigode entre os dedos, enquanto fumava o seu charuto.

— Mas a família dele fez fortuna na Corrida do Ouro. Fortuna! E ele é melhor do que qualquer nativo de olhos puxados nunca o será. — Ouviu um soluço da jovem vir do quarto. Virou-se para a esposa. — Faça a sua filha comer ou eu o farei a força!

E a jovem May comeu. Muito pouco, mas comeu.

Entretanto, nunca mais pensou na época em que o seu pai, um dia, sorrira.

Tempos depois, a boca pequena, correu pelo povoado um boato de que o velho Barão fora conversar com o jovem inuk. As mulheres, principalmente, eram muito faladeiras. Uma piada vulgar dizia que o telégrafo perdia longe para elas. Todavia, os homens, entornando seus canecos de brandy, vodka ou whisky trazidos de Québec, tampouco ficavam atrás. O

álcool sabia amolecer uma língua... Murmuravam que o Barão de La Croix convencera o rapaz de que, se este quisesse ser digno de voltar a ver a sua filha, deveria trazer uma prova de sua afeição por ela.

— Farei qualquer coisa! — afirmara.

— Jura por Deus?

— Por Deus, por Nuliajuk, por Sila... por qualquer coisa!

— Pois bem...

E qual seria essa prova?

Sem contar a ninguém, ele deveria adentrar na Floresta das Almas Perdidas e trazer um ramo com a folhagem ainda verde de uma das árvores encarquilhadas do lugar. Só assim, dissera o velho, poderia vê-la outra vez. Ninguém nunca vira uma folhagem verde naquelas árvores. Os que observaram a floresta de uma distância segura descreviam suas folhas de marrom a negro, ressequidas, aspecto de mortas, fosse qual fosse a estação do ano.

"Folhagem verde?"

Todavia, Nanook, o jovem inuk, desorientado pela falta da presença de May, aceitara.

— Eu o trarei.

Nanook fora um dos últimos a desaparecer na Floresta das Almas Perdidas. Nunca mais retornou.

O velho Barão inventou uma história para a desconsolada filha. Falou-lhe de conversas de bar, sobre o rapaz ter fugido com outra inuk, a qual teria engravidado. Teriam viajado, para além das Montanhas Mackenzie, no Yukon. Chegou a pagar alguns dólares canadenses para uns beberrões corroborarem a sua versão.

A intuição de May, entretanto, foi forte e cristalina feito o vento do Norte.

— Mentira! — gritou, saindo de casa.

Essa versão não chegara aos ouvidos dos pais de Nanook. Eles residiam do lado oposto do povoado e mantinham uma vida seminômade boa parte do ano. Embora tristes, aceitaram resignadamente aquilo que o Espírito do Mar ou o Espírito da Lua teriam reservado ao filho. Nanook sempre fora um bom rapaz. Assim, fosse qual fosse o motivo para ele ser levado deste mundo, deveria ser por uma boa causa, e, certamente, estaria feliz

e recompensado em um local de abundância eterna.

O velho Barão de La Croix já não se opunha às saídas da filha. Andava ocupado, planejando o futuro da garota... e o seu.

A jovem celta, frequentemente, ia se sentar no velho tronco caído onde, um dia, ouvira a história sobre a bola de fogo. Observava o azul do céu, as montanhas cobertas de neve e, mais abaixo, a floresta imersa em seu cobertor de nevoeiro.

Então, um dia, movida por um impulso, caminhou até lá, até a borda da Floresta das Almas Perdidas. Não sabia explicar o motivo. Simplesmente pôs-se a andar e, quando se deu conta, ia naquela direção.

Sentia-se entristecida, muito confusa, temerosa das histórias que escutara do lugar, porém, apesar disso, a tal floresta tinha algo de comum entre ela, May, e o desaparecido Nanook, seu amigo: a antiga narrativa dos ancestrais.

Chegando próximo à floresta como jamais estivera em sua vida, a exemplo de um outro dia, agora distante, abraçou seu próprio corpo. Menos de frio, embora estivesse muito frio, do que da sensação de fatalidade que a dominara ao observar os troncos velhos, tortuosos, o sentimento de tristeza a emanar da neblina, a falta completa de cores do lugar, cores quentes, cores vivas. E o silêncio, quão pesado era o silêncio.

— Nanook! — chamou. — Nanook!

Somente a quietude veio em resposta.

Observou formas escuras ou figuras formarem-se no nevoeiro, contudo, achou ser isso apenas obra de sua imaginação, somada as diferentes sombras a ondular entre as árvores conforme os caprichos da brisa.

— Nanook...

O silêncio de chumbo.

A atmosfera de pesar.

E aquelas formas estranhas, movediças... Seriam como as figuras que, em criança, ela e Nanook fantasiavam ver esculpidas nas nuvens ou nos cumes das montanhas.

Mexeu os dedos dos pés dentro das botas. Queriam ficar dormentes por causa do frio... Ou seria por mais alguma coisa?

E May chorou pela falta de Nanook. Seus soluços quebraram a quietude do vale e infiltraram-se pela floresta. Chorou e chorou.

Uma rajada de ar repentina arrancou punhados de folhas escuras. Elas rodopiaram para longe da névoa e "choveram" sobre a pequena May.

— Meu Nanook...

Subitamente, May escutou um barulho atrás de si. Assustada, virou-se.

Fantasmas? Tuurngaq?

— Senhorita de La Croix...

Quase.

Era Jackie London, o rico fanfarrão, trajando roupas finas e o seu estimado gorro de pele de castor.

— O que está fazendo aqui? — indagou ela.

Ele riu um riso cariado.

— Seu pai mandou-me procurá-la. Ele está bastante preocupado.

—

— Vá embora! Quero ficar sozinha — disse May, enxugando as lágrimas.

O rapaz acenou um não.

A neblina roçava os troncos torcidos e o chão úmido.

— Seu pai mandou-me levá-la de volta.

— Se ele mandar você ficar de quatro, você também fica?

O jovem abastado avançou e, impetuosamente, agarrou-a pelos braços.

— Vamos embora daqui!

— Largue-me, seu estúpido!

O nevoeiro descreveu um pequeno redemoinho, depois outro.

Sombras e penumbras se mesclaram.

Contudo...

... Não havia vento. Nem brisa.

— Ah, você é tão macia, senhorita de La Croix. — Inspirou. — E o seu perfume, apesar de barato...

— Vá embora daqui!

Ele aproximou-se mais a fim de cheirar-lhe os cabelos ruivos, o pescoço.

— Oh, sim... É delicioso.

— Solte-me, seu bruto!

A névoa agitou-se ao longe, no interior escuro da floresta. Barbas-de-velho se agitaram.

Um cintilar primitivo tomou conta dos olhos de London. Sua respiração tornou-se ofegante. Seu sorriso foi assustador.

— Creio que o velho barão poderá esperar por nós mais uns minutos — sussurrou nos ouvidos dela. — Noivinha!

De alguma maneira, May conseguiu desvencilhar-se. Girou o corpo e, usando toda a sua força, aplicou-lhe uma cotovelada no estômago. A seguir, penetrou na floresta.

London arfou. Em seguida a dor, subiu-lhe a raiva e ele soltou um palavrão entre os dentes. Avistou as árvores e o vulto de May. A princípio, hesitou, mas o calor do desejo brotara dentro de si, e observando aquela garota pequena e frágil desaparecer entre a névoa, calculou que não teria dificuldade em alcançá-la.

Ademais, agora aquela mocinha lhe devia... Ah, sim, ela devia... E iria pagar! Correu atrás dela.

— Não fuja!

O silêncio da floresta engolfou a ambos, aprisionando-os no interior de uma concha. Até o som de suas passadas pareceu sumir. Em parte, foi por causa do terreno esponjoso, acidentado, semelhante à turfa, mas por outro lado... Não, não era de bom tom divagar sobre a natureza misteriosa daquela vegetação, sobre os odores penetrantes, sobre as histórias da bola de fogo, de onde teria vindo e o que haveria em seu interior. Sem pássaros, sem insetos. E aquela névoa sem fim...

Não, nada disso. Não passava de uma floresta igual a tantas outras...

... só que não era.

May voltou a chorar a medida em que, desajeitadamente, procurava correr. O nevoeiro dificultava a visão além de alguns metros. Sua saia enroscava-se nas raízes das árvores e nos galhos mais baixos, rasgando-se. Os galhos mais altos cuidaram de desmanchar seu penteado e arranhar suas

faces. Seu rosto começou a sangrar. Lágrimas e sangue misturaram-se à neblina. O frio era intenso naquele lugar, mais do que fora da floresta, porém, agora, ela mal apercebia-se disso. Só desejava fugir daquele homem asqueroso e de um futuro horrivelmente incerto, cuja única certeza era a de que seria horrível. E pensava em Nanook, seu gentil amigo Nanook, nos olhos amendoados e nas antigas histórias dos inuit, seus costumes, sua simplicidade e a desinteressada hospitalidade.

— Volte aqui, mulher! — gritou furioso o ofegante Jackie London. Surpreendeu-se por mal conseguir escutar a própria voz. — Maldita neblina!

Ela fugia dele e, sem se dar conta, penetrou mais fundo na Floresta das Almas Perdidas.

O rapaz correu como pôde em seu encalço, desajeitadamente. Seus trajes finos tornaram-se imundos. Agora, sentia mais rancor do que excitação. Perguntava-se como ela, naquelas roupas pesadas, poderia ser mais veloz do que ele. Indagou-se, ainda, se, a essa altura, valeria a pena tanto

esforço por causa daquela rapariga. Havia muitas outras no povoado, algumas até mais bonitas e disponíveis. Sim, algumas delas fariam qualquer coisa por uma pequena pepita...

De repente, May tropeçou em uma das inúmeras raízes tortas e caiu. Gemeu de dor ao bater um dos joelhos em outra raiz. Sentiu as mãos afundarem na espessa camada de musgo e folhagem morta: era viscosa, de aspecto pútrido, pestilento. Tossiu, enojada.

Jackie London observou o pequeno vulto tombar alguns metros adiante e anteviu o seu momento de triunfo. O desejo retornou mais forte ao pensar nas mulheres do povoado e naquela que tinha logo ali, indefesa. Dificilmente teria outro momento de privacidade ao lado dela feito esse. Não antes do casamento. — Sorriu. — E ele sequer cogitava em se casar. Ah, ele merecia algo por todo o esforço, pela dor que ela causara. E aquele perfume no pescoço dela...

— Agora sim. Eis você, minha frutinha de mirtilo.

Quando estava prestes a agarrá-la, sentiu rajadas de vento ao redor.

O nevoeiro agitou-se.

Ramos farfalharam.

Penumbras e sombras se confundiram em diferentes formas, tons e densidades.

E, do nada, ouviu-se algo, uma voz — parecia uma voz —, quebrar o pesado silêncio da floresta.

Disse:

"NÃO!"

O vento tornou-se mais forte. Um redemoinho formara-se ao redor dos dois. Milhares de folhas negras revoltearam.

O sangue gelou nas veias do rapaz.

"Que loucura é essa?"

May e London olharam em volta, assustados. Incertos se teriam de fato escutado uma voz ou, simplesmente, se seria um outro som qualquer vindo daquela floresta dominada por uma quietude infinita.

E aquela ventania?

Nada.

Alguns metros adiante, não havia nada além das siluetas das árvores tortas e as formas sombrias que iam e vinham no nevoeiro a mercê de alguma brisa fugidia ou de um vento brusco onde não deveria ventar.

"Não deveria ventar..."

Não, não era possível. E todas as lendas, as histórias sobre o lugar? E se aquela névoa tivesse vontade própria. Uma neblina de outro mundo. Absurdo! Não podia ser...

O pretenso pretendente, julgando ser obra de sua imaginação e das histórias idiotas que ouvira nos bares, apesar do nervosismo, chacoalhou a cabeça. Avançou novamente para a jovem, mãos abertas em forma de garras. Sim, ela, a sua deliciosa e merecida recompensa.

— Agora sim...

Tão de repente quanto surgira, o redemoinho se foi.

Milhares e milhares de folhas escuras caíram.

A seguir, para o horror de London, deu-se conta: suas mãos estavam desaparecendo diante de seus olhos. Derretiam. Não, não derreter. Sublimavam,

tornavam-se um tipo de vapor, ou melhor, parte do nevoeiro que os rodeava. De opacos para translúcidos e, enfim, transparentes.

— O quê?...

Tentou pedir socorro e não conseguiu. A voz diluíra-se em sua garganta.

May também não acreditou naquilo que presenciava.

E o olhar da garota só aumentou o terror do rapaz. Se ela também via, então, deveria ser verdade, por mais inacreditável que fosse semelhante insanidade. Era real. Estava sumindo!

London procurou berrar outra vez, mas o máximo que conseguiu foi emitir um som sufocado, um gorgolejo como o de alguém prestes a se afogar.

E, assim, aterrorizado, o arrogante filho de pai rico, Jackie London, em seu gorro de pele de castor viu-se pouco a pouco convertido a esse nada que era o nevoeiro sinistro, tornar-se paulatinamente parte dele e, num breve e pequeno redemoinho, desaparecer no exalar de um último suspiro.

Somente seus trajés não tão vistosos ficaram para trás.

O gorro caiu sobre o colo de May.

A mocinha horrorizada quis pedir auxílio, contudo, a exemplo do outro, não conseguiu. A voz definhou antes de chegar aos lábios.

Filetes de sangue riscavam o rosto cortado.

Trêmula, estava presa pela tensão. O pânico a dominava.

As antigas histórias...

O frio, finalmente, começou a fazer-se sentir em seu corpo. Farpas de gelo cravaram-se na alvura de sua pele.

Por fim, ao largo de menos de um minuto, outra sensação, por mais irracional que fosse, principiou a murmurar em seus ouvidos...

... Ela não estava só.

Aterrorizada, olhou para um lado e para o outro.

O nevoeiro percorria os troncos escamosos e retorcidos em toda parte, onipresente. Qualquer direção que mirasse era idêntico ao outro. Não conseguia ver o Sol através das copas e da névoa. Encontrava-se

totalmente perdida na penumbra sem fim.

Repentinamente, May prestou atenção nas formas escuras que, vez ou outra, vinham e iam no nevoeiro do fundo da floresta. Seus contornos indistintos ora assemelhavam-se a contornos humanos, ora a de animais, ora a de criaturas de mitos ou de pesadelos. Sua respiração tornou-se mais rápida e descompassada. O coração pesava no peito.

Só podia ser um sonho, um pesadelo muito ruim. Fez força para poder acordar. Não conseguiu.

Uma dessas formas emergiu do interior do nevoeiro, acompanhada por novos redemoinhos. Tornou-se mais escura, mais densa, mais definida. Chegou por entre as árvores torturadas num silêncio de morte. Fez balançar as longas barbas-de-velho em seu caminho. Os contornos assemelhavam-se aos de uma forma humana, grande, de cabelos compridos.

Os redemoinhos de vento e nevoeiro tornaram-se novamente mais fortes. Fizeram os galhos

balançarem. Mais folhas se desprenderam.

Então, algo caiu do alto da árvore mais próxima de May, junto a sua mão. Um objeto de um branco envelhecido preso a um cordão de couro.

E ela o reconheceu: o talismã de marfim.

A sombra escura ficou ali, parada, esperando...

May gritou:

— Nanook!

O vento cessou.

E ela ouviu — mais dentro de sua mente do que através dos ouvidos — aquela voz de momentos atrás, a que ordenara o "NÃO!" para London, sussurrar-lhe delicadamente:

"May..."

A forma escura aproximou-se ainda mais.

Anirniq, essa era a palavra, anirniq.

Ela ainda sentiu uma fisgada de medo: o temor pelo desconhecido. Mas, aos poucos, retomou o controle de sua respiração, o tremor abandonou o seu corpo pequenino. O coração continuou a bater forte, porém, dessa vez, por outra razão. O pavor, vagorosamente,

desapareceu, diluindo-se na camada de musgo e vegetação morta sob seu corpo.

Viu duas protuberâncias projetarem-se para ela. May, sem hesitar, estendeu os seus braços. Não era algo físico e, ainda assim, estavam lá. Levantou-se. E, quando acreditou que suas mãos haviam tocado as dele — pois aquilo que via não passava de uma sombra muito escura projetada do nevoeiro —, do mesmo modo que London, May, a jovem de cabelos ruivos, começou a se dissolver. Todavia, não sentiu medo, não mais.

Agora, ela sabia.

Finalmente, reencontrara o seu nobre, generoso e amado Nanook.

E ficariam juntos para sempre, no nevoeiro, na floresta, ou a vagar lado a lado sob a proteção de Sila, junto às maravilhosas Luzes do Norte.

Seu último pensamento naquilo que ainda poder-se-ia chamar de consciência foi:

"Meu ursinho panda..."

Logo, restaram apenas os seus trajas em andrajos sobre o solo úmido na floresta.

A beluga esculpida em presa de morsa também caíra.

Afinal de contas, de um modo assombroso, do qual Ooqueah, o avô de Nanook nunca poderia supor, o talismã que fizera para o bebê ainda não nascido cumprira, de fato, a sua função.

E, através da penumbra, ele enxergara mais longe.

A Floresta das Almas Perdidas continuou a ser, por um bom tempo, um local tabu a ser evitado — até mais, após o desaparecimento dos jovens —, onde as árvores eram aterradoras com seus galhos descarnados e troncos retorcidos, atormentadas pelo peso do céu de onde, um dia, uma misteriosa bola de fogo surgira. Onde o silêncio imperava e o nevoeiro, denso a ponto de esconder a luz do Sol e das estrelas, envolvia a tudo com sua gélida onipresença.

Entretanto, agora — alguns audazes perceberam —, o

silêncio não era tão completo assim.

Algumas pessoas, que por um motivo ou outro, acidentalmente aventuraram-se na borda da floresta, voltaram trazendo outras enigmáticas histórias. Diziam ter escutado vozes ou impressão de vozes dentro de suas cabeças. Vozes de um tipo diferente. Não tinham certeza se era uma peça de suas mentes, ou o assobio insistente do vento nas folhagens, mas poderiam jurar de pés juntos. E, pelos menos os inuit, não eram dados a falar mentiras. Ouviram duas vozes: a de um homem e a de uma mulher.

— Vozes? Homem e mulher?

— Sim...

— Tornou a encher a cara no bar?

— Não, mulher, eu juro!

E, ao contrário de gemidos, uivos ou lamentos apavorantes, elas riam e riam uma para a outra, revolteando pela penumbra úmida e fria sempre em mutação na floresta.

Um dos aventureiros até trouxe um ramo de uma das árvores torturadas, o qual encontrara caído no solo esponjoso: sua folhagem estava verde.

Era o mês de maio. Primavera.

A memória do sorriso de May inundava a velha cabana de troncos.

Veza ou outra alguém, incitado pelos inconformados pais de Jackie London, atirava uma pedra de lá de fora, arrebatando mais um vidro nas já castigadas vidraças.

Fiapos de vento frio rodopiavam pela sala, criando montículos de neve.

A lareira não conseguia dar conta em aquecer o interior, cujo calor, a bem da verdade, partira fazia um longo tempo.

— A lenha está terminando — resmungou a mulher, enquanto agachava-se para apanhar a pedra intrusa no assoalho.

Ele não deu mostra de ter ouvido, olhar distante.

Ela deu de ombros.

O velho estava aninhado em sua poltrona estofada, muito gasta por incontáveis invernos, tão abatido quando um velho carvalho caído sob o peso da nevasca — ou de um machado. Refletiu casualmente sobre um tempo em que a filha, sentada num dos braços da poltrona, aninhava-se em seu ombro e pedia para ouvir alguma história.

História...

O povoado andava cheio de histórias.

Ao comentar sobre as tais relatos de vozes na floresta, o velho Barão de La Croix, agora condenado ao ostracismo pelo resto daquela comunidade, rompeu o silêncio e resmungou entre os dentes:

— Maldita seja essa Floresta das Almas Perdidas!

Ao que sua triste esposa, de malas prontas e farta de tudo — cujos ouvidos não ficaram indiferentes às conversas fofocadas pelas mulheres da vizinhança — retrucou numa voz

que destilava um misto de veneno e alento:

— Agora, A Floresta das Almas Perdidas tornou-se a floresta das almas que se reencontraram...

E partiu sem dizer adeus.

E o velho descendente de orgulhosos nobres de Provence, charuto apagado entre os dedos, mais do que todas as almas que por lá desapareceram, sentiu-se terrivelmente só e totalmente perdido.

Sua mente era um poço de perguntas.

Outra pedra zuniu.

Outro vidro estilhaçado. Cacos por todos os lados. Não restavam muitos.

Levantou seu corpanzil da poltrona e foi junto à lareira. Num canto, apanhou o rifle de caça.

— Corram! — ouviu-se o grito de uns garotos do lado de fora. — Vai atirar na gente!

Retornou calmamente para a velha poltrona.

E, assim, o Barão de La Croix, do fundo do cano de seu rifle, finalmente, encontrou num lampejo a escuridão de suas respostas.

O Noroeste do Canadá, da fronteira do Círculo Ártico até as latitudes mais setentrionais era uma região rica em lendas e mistérios. Desde tempos remotos, seus primeiros habitantes — o povo genuíno — sabiam disso, respeitavam suas terras, as rigorosas regras que estas impunham, suas divindades e os espíritos dos animais que abatiam. Praticavam a generosidade e a benevolência. Amavam a brancura da neve e veneravam a grandiosa beleza das Luzes do Norte.

Agora, seus mitos foram enriquecidos, senão parcialmente apaziguados. De alguma forma, eles sabiam e apontavam: ao menos por lá, naquele lugar, os tuurngait transformaram-se em anirniit, e um pedaço do céu descera das estrelas até o vale.

Aquela estranha floresta tornara-se um fragmento do Quidlivun.

O medo se fora em sua maior parte, porém, nunca

completamente. E quanto ao respeito, este sempre haveria de existir. Tarqeq, Sedna e Sila apreciavam isso e recompensavam as pessoas através de um bom clima, boas caçadas e uma pescaria farta.

O silêncio continuou.

O nevoeiro prosseguiu.

A penumbra fazia morada.

E, por muitos anos, ao redor do fogo, tocaram-se os tambores de pele de leão-marinho.

E os anciões e xamãs cantarolaram, cantarolaram, cantarolaram.

Misto de narrativas, de lendas e de palavras mágicas.

E fizeram mímica. E dançaram. E falaram.

Crianças de olhos arregalados sob as cobertas de pele de urso e de caribu ouviram encantadas.

Sim e sim, durante muitos anos, haveriam de se lembrar:

"Ouçam essa história que vou-lhes contar.

"De um amor proibido, perdido no tempo.

"A respeito de um panda e uma guaxinim,

"Cuja paixão transformara-os em vento."

Ah! O vento era vigoroso, oriundo das Planícies Brancas no extremo norte.

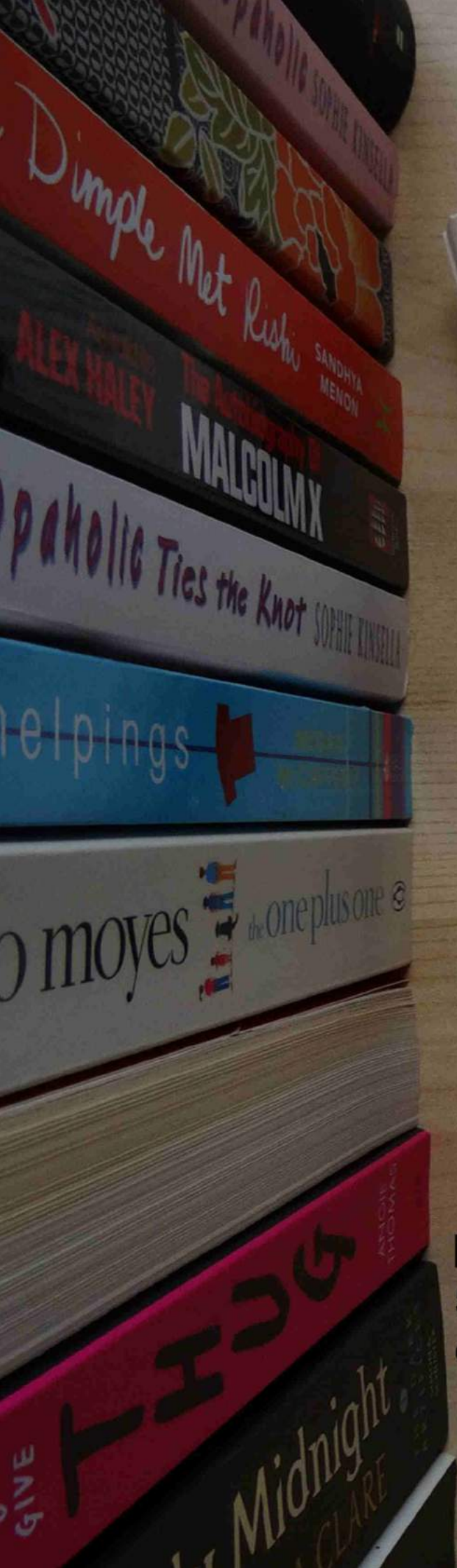
E inspirá-lo fazia encher de vida o corpo e a alma.

Trazia uma alegria imensa por estar ali, naquele momento, naquele lugar...



NOTA DO AUTOR: Inspirada no encanto e na magia da história "Anoitecer", da escritora MBlannco, publicada na edição nº 36 de "Conexão Literatura" (Junho/2018). Meu agradecimento a Maya e a Nanuk...

Roberto Schima nasceu na cidade de São Paulo/SP. Faz ilustrações, escreve contos, poesias e, ocasionalmente, crônicas. Vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro" ("Isaac Asimov Magazine", Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio". Escreveu os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "A Voz do Oceano" (noveleta), entre outros. Autor do conto "Abismo do Tempo", um dos vencedores do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista Conexão Literatura e publicado em sua edição nº 37. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br.



matter? Tonight there would be gossip, companionship, laughter.

A launch chartered by the Amazonian Timber Company at Boa Vista disgorged twenty of their employees who made their way into the evening to the... brothers at S... made su... belonged to the father and Father Anselm... that all a... the glory of God and b... of excellence in the stalls.

The school teacher from a select semi-... party of lady offered the choice of sleeping in the street or in Madam Anita's brothel, sensibly chose the brothel. The captain of the Oriana escorted two massive, middle-aged Baltic princesses (on a round trip from Lisbon) down the gangway and into the car sent by the Mayor.

And now the lights were going up. Lights beneath the frieze of gods and goddesses on the Opera House facade; lights in the tall street-lamps lining the square. Lights in the blue and green *art nouveau* columns of the upstairs promenade... Lights limning the tiers of white and golden boxes; pouring down from the great eight-pointed chandelier on de Angeli's frescoed ceiling with its swirling muses of Poetry, Music and Art.

Light, now, sparkling and dancing on the tiara and phire choker of Mrs John P. Lehmann, on Colina Silva's Brazilian star...

90

NÃO FIQUE DE FORA

Saiba como anunciar ou publicar em nosso site ou próxima edição:

CLIQUE AQUI